

CINÁRIA DE SOUSA RODRIGUES

INVENT(ARI)ANDO LUGARES PARA O FEMININO:
IDENTIDADES E SUBJETIVIDADES
NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

CAMPINA GRANDE, SETEMBRO 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

INVENT(ARI)ANDO LUGARES PARA O FEMININO:
IDENTIDADES E SUBJETIVIDADES
NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

MONOGRAFIA APRESENTADA
AO CURSO DE HISTÓRIA
PARA A OBTENÇÃO DO
TÍTULO DE BACHAREL EM
HISTÓRIA NA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE PELA ALUNA
CINÁRIA DE SOUSA
RODRIGUES.

ORIENTADOR: IRANILSON BURITI DE OLIVEIRA

CAMPINA GRANDE
SETEMBRO – 2007.

CINÁRIA DE SOUSA RODRIGUES

INVENT(ARI)ANDO LUGARES PARA O FEMININO:
IDENTIDADES E SUBJETIVIDADES
NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

MONOGRAFIA APRESENTADA EM ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

DR. IRANILSON BURITI DE OLIVEIRA
(ORIENTADOR)

DR. ROBERVAL DA SILVA SANTIAGO
(EXAMINADOR)

MS. UELBA ALEXANDRE DO NASCIMENTO
(EXAMINADOR)

CAMPINA GRANDE
SETEMBRO 2007.



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

DEDICATÓRIA:

DEDICO MAIS ESTE TRABALHO AO MEU PAI (*IN MEMORIAN*) QUE, MESMO NÃO ESTANDO MAIS CONOSCO, SEMPRE ME MOSTROU O REAL VALOR DA VIDA E ME DÁ FORÇA PARA CONTINUAR SEGUINDO.

AGRADECIMENTOS:

Este aprofundamento do trabalho tornou-se possível graças ao apoio, a compreensão, a colaboração e o afeto das pessoas infra relacionadas, posto que direta ou indiretamente estimularam-me a dar prosseguimento a minha formação.

Agradeço, primeiramente a Deus pela força interior e exterior necessária à confecção deste trabalho e pela luz fornecida sempre que dúvidas emergiam e não tinha a quem recorrer *a priori*, sendo ele quem as amenizava.

Agradeço aos meus pais, minha mãe, Cícera, pela educação dada, na medida do possível e pelos ensinamentos mencionados nos momentos mais precisos e a meu pai, Francisco, hoje um anjo da guarda em minha vida (*in memoriam*), a quem devo tudo que sou e toda visão que tenho da vida e das pessoas como um todo, graças a todos os instantes em que tive a honra de estar ao seu lado.

Obrigada, também aos meus irmãos, que despreziosamente e com seus discursos machistas, para mim, me fizeram questionar o lugar da mulher em nossa sociedade e, conseqüentemente, problematizar até que ponto eles tinham razão, sobre o que seria uma mulher honrada por si e pelos outros.

Agradeço, ainda, a sapiência dos professores Eronildes Câmara Donato e Herry Charriery da Costa Santos, os quais fizeram parte da banca examinadora da minha monografia da licenciatura. Bem como ao meu orientador Iranilson Buriti de Oliveira, por todo conteúdo fornecido, por todo momento dedicado e, pela sapiência, em suas precisas observações. A eles agradeço pelas críticas, pelos elogios e pelas sugestões que me levaram a remodelar este trabalho, tendo retirado os excessos existentes e introduzir o que faltavam.

Enfim, agradeço a professora Silêde Leila Oliveira Cavalcanti, precursora desse trabalho, tendo a mesma sido minha orientadora do meu projeto monográfico para obtenção da Licenciatura em História. Esta acordou-me o interesse em estudar sobre a mulher, em suas distintas épocas e lugares, fazendo dela meu objeto de estudo e encantamento.

A todos meu mais sincero, obrigada.

SUMÁRIO:

APRESENTAÇÃO.....7

CAPÍTULO I:

1. A Feminização da Academia: Uma Abordagem sobre os Estudos de Gênero
.....10

1.1 A Mulher como Objeto de Estudo da Academia.....14

CAPÍTULO II:

2. Entre o Espaço Privado e o Espaço Público: A Busca de uma
Conciliação.....19

2.1. O Movimento Feminista e as Reivindicações das Mulheres.....19

2.2. As Relações de Gênero na Contemporaneidade: Conflitos entre a Tradição
e a Modernidade.....23

CAPÍTULO III:

3. Mulheres Acadêmicas versus Mulheres Domésticas: Fronteiras em Aberto...28

3.1. As Várias Faces das Mulheres Investigadas28

3.2. Identidades Acadêmicas Versus Identidades Domésticas30

3.3 Subjetividades Domésticas e Acadêmicas: que diálogo é esse?.....31

CONSIDERAÇÕES FINAIS38

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....42

ANEXOS:(entrevistas)

APRESENTAÇÃO

Produzir uma história dos gêneros masculino e feminino é, antes de tudo, entender que não se pode separá-los, uma vez que estes se constroem numa relação. Não existe uma história das mulheres que passe ao largo de uma história dos homens, e vice-versa, isso porque as práticas do gênero emergem a partir de relações de alteridade.

Partindo desse pressuposto, pretendemos questionar a visão naturalizada atribuída à figura feminina. Questioná-la como um ser “frágil” leva-nos à problematizar que, esta é feita de vários lugares e sob as mais distintas visões e concepções, e sob múltiplas práticas cotidianas de relações por meio dos discursos que normatizam e codificam lugares.

A sociedade brasileira, em suas diferentes épocas, inclusive a atual, criou uma série de códigos e regras, os quais não nos permite controlar e disciplinar nossos trajetos. Por meio destes códigos e regras, acabamos por nos policiar cada vez mais quanto a expressarmos nossos pensamento e atitudes. *“Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.”*¹

Isso ainda é mais comum, quando se trata da mulher, uma vez que sendo ela, segundo o discurso que naturaliza o lugar feminino, como sendo de inferioridade, de fragilidade, não deveria expressar seus pensamentos e seus desejos.

A partir de uma perspectiva dos estudos culturais, enfatizamos as várias formas de discriminação e diferenciações ainda existentes entre os gêneros e a profunda ausência de valores femininos na própria História da Humanidade. Para tanto, temos por baldrame autores como Nádia Regina, Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Mary Del Priore, Margarete Rago, Marina Massi. No intuito de pensar como algumas mulheres vêem as situações supra mencionadas, fazemos uso de entrevistas semi estruturadas, com acadêmicas e domésticas, sendo a mais jovem com 23 anos e a com mais idade tendo 56 anos, a fim de poder traçar um paralelo entre ambas quando a sua visão de mundo, de comportamento e de si mesmas em meio a essa contextualização.

O interesse em estudar e escrever sobre a mulher surgiu a partir da percepção que a figura feminina foi, ao longo da história, muito vedada, escanteada. Muitos inconformados com o fato de serem considerados menores, lutavam com o fito

¹FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. Aula Inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio

de conseguir seus direitos, e resistiram as várias formas de opressão. Serem tidos como sujeitos da História e de sua história e não sujeitos em meio às subjetividades da vida e das pessoas, constituir-se-ão seus objetivos.

“Tendo em vista que a subjetividade é essencialmente fabricada, produzida e formatada no registro social, vale lembrar que ela é produzida não só por instâncias individuais mas também por instâncias coletivas e institucionais.”²

Todo esse jogo de subjetividade envolve e persegue a maioria das mulheres brasileiras. Estas precisam se adaptar às novas (re) elaborações sociais, o que provoca-lhes um grande mal-estar em relação à identidade³ que lhe é exemplificada enquanto modelo de conduta, de moral. Por meio dos discursos intelectuais falados ou escritos sobre essa questão, é que se nomeia, se classifica e de dá nome a estas identidades e a mulher, através de ações e de seus próprios discursos, acaba por legitimar estas identidades que a ela são inferidas. *“As identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas, transformadas no interior da representação”* (Hall, 1999, 48).

A sociedade tão exigente e preconceituosa não vê um homem ou uma mulher, mas busca o homem e a mulher, pois sempre espera que este seja o exemplo, o modelo... de perfeição. Perfeição no sentido mais literal da palavra, visto que não o sendo constituir-se-á diferente, inadequado, apontado como “o outro”, por não agir, dentro de “seus padrões”.

No tocante aos estereótipos instituídos à mulher brasileira, estes acabam por governá-las, em muitos casos, de forma impressionante, tanto positiva quanto negativamente. Se por um lado, nos atribuem características as quais, até então, não tínhamos atentado, por outro lado somos autores de ações, de comportamentos, de palavras que consideramos inaceitáveis, mas estas são ditas da forma mais persuasiva, tão certa e convicta que acabamos por nos convencer daquilo que somos nomeados. *“A identidade seria construída e alterada de acordo com os modos pelos quais pessoas são representadas nos seus sistemas culturais”* (Hall, 2005). Contudo, devemos destacar que

²(Guattari e Rolnik, 1996: 32). Analisaremos as produções de subjetividade valendo-nos de Félix Guattari.

³ Os conceitos de identidade são os mais diversos. Utilizamos HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade.; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro, 10ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, onde a identidade não possui caráter fixo ou permanente, estando em constante re(construção).

os discursos modernos, os quais instituem lugares para os gêneros, têm força, mas só algumas vezes são incorporados pelos indivíduos de forma natural.

Diante do exposto, buscamos a partir de que momento tais discursos emergiram no sentido de precisar de que forma a diferenciação sexual passou a ser mais evidenciada na vida das pessoas, a ponto de torná-las concorrentes ininterruptamente sob a ótica, inicialmente, de estudiosos como Durval Muniz de Albuquerque Júnior. Discutiremos no primeiro momento, como tudo isso serviu de estímulo para que as mulheres começassem a lutar por seu lugar a ponto de virarem senhoras de seu próprio destino.

A questão profissional e a emergência dessa mulher no espaço público/privado, são algumas das questões que perpassam as relações sociais em suas distintas épocas causando as mais complexas divergências de opiniões, quando de sua aceitação e resistência. Nesse sentido e, seguindo esse raciocínio, é que daremos prosseguimento a este trabalho, no segundo momento.

Por fim, discutindo como as mulheres analisam a “realidade” a qual estão inseridas, apresentaremos, no terceiro momento, a partir de entrevistas realizadas com domésticas e universitárias, as formas pelas quais estas mulheres vêem o fato de ser mulher e, até que ponto legitimam as subjetividades as quais são alvo e, ainda, como procuram se libertar das tradições familiares, que as tornam dependentes, e também, dos impasses que as impedem de crescer pessoal e profissionalmente.

CAPÍTULO I:

1. A Feminização da Academia: Uma Abordagem sobre os Estudos de Gênero

A mulher brasileira foi e é considerada em nossa sociedade pelo discurso masculino/machista, como sendo incapaz de reger sua própria vida, bem como suas atitudes, necessitando, para tanto, de seu auxílio por não representar um papel muito importante em nossa sociedade, por não ser destacada como tal na maioria de nossas bibliografias, por não ter servido de objeto de estudo e fonte de interesse de nossos estudiosos.

Em meio a todas essas lacunas apresentadas pelo discurso masculino sobre a mulher brasileira, a autora Mary Del Priore cita a filósofa francesa, Simone de Beauvoir, com sua obra “O Segundo Sexo”, apontando que as mulheres não tiveram história e, assim, não tinham do que se orgulhar de si mesmas e afirma, ainda, que a mulher não nasce mulher, ela tornava-se mulher, “*a partir de prescrições culturais que impregnam de poder as relações sociais*”⁴. Beauvoir admite que, durante muito tempo, o território do historiador pertencia ao sexo masculino, onde este exercia seu poder e empurrava às margens a figura feminina.

Simone de Beauvoir, neste trabalho, vai de encontro a toda discriminação e preconceito contra o sexo feminino. Tal atitude serviu de estímulo ao movimento feminista em busca de seus direitos civis, engajando-as, com isso, na mudança da história e mostrando sua importância na luta por seus direitos e sua participação como sujeitos da e na sociedade.

Segundo o autor Durval Muniz de Albuquerque Júnior(2003), no início do século XX, as elites brasileiras tinham por missão alargar a sociedade sem que isso influenciasse hierarquicamente, isto é, sem que a ordem social já estabelecida fosse alterada, a ponto de tirar a figura masculina do topo, devido a todo o processo de reestruturação social com a intervenção do movimento feminista.

A emergência do movimento feminista e as mudanças de comportamento atribuídas às mulheres, trazidas pela vida urbana e pelo mundo que se modernizava, pareciam

⁴Sobre essa questão ver GALLI, Tânia Maria. Gênero, Subjetividade e Trabalho. 2000. p. 18.

*ameaçar a dominação masculina de forma insuportável para homens que teriam sido educados numa ordem patriarcal.*⁵

Esse movimento, segundo Albuquerque Júnior, vinha sendo reforçado por meio de mudanças de hábitos, costumes, valores, idéias, práticas econômicas e políticas surgidas com a urbanização e pela modernidade cultural. Estas pareciam atacar diretamente as bases que definiam o suposto poder masculino, todavia, não se tratava apenas de redefinição hierárquica de poder, mas de raça, de classe social e de gênero.

Mary del Priore aborda a questão da diferença dos sexos, como sendo a primeira das diferenças e é a partir dela que surgem outras expressadas e fabricadas no momento em que essa diferença sexual é analisada como medidor de capacidade e/ou de inteligência humana, ou mesmo como algo próprio da natureza que obedece a algum princípio norteador ou finalidade qualquer.

Essa binaridade entre homem/mulher, força/fragilidade, razão/emoção presente desde o Renascimento, momento em que o humanista colocava-se no centro de tudo, desqualifica a razão feminina comparando-a à força masculina, a qual se submetiam. A mulher por não ter uma razão fundamentada, tinha que aprender virtudes e regras de conduta, bem como uma educação moral que limitaria suas atitudes (impensadas e imprescindíveis, consoante o discurso machista e radical da época) que a afastaria do acesso ao saber e ao exercício de sua razão simplista, segundo a concepção falocrática.

Numa visão mais tradicional, no processo de educação, criação e orientação da mulher e do homem, percebo que este sempre foi ensinado a desejar um trabalho numa empresa, a viajar, a atingir o sucesso econômico-social, a escolher a profissão de seu agrado, enfim, a ser livre, enquanto que àquela era orientada no sentido de não desejar as aventuras, o conhecimento do mundo, o trabalho remunerado. Desse modo era quase impossível para essa mulher subordinada à autoridade masculina, pensar em deixar sua casa, seus filhos e seu marido, tido como alicerce, para ir trabalhar fora e em busca de um salário ou mesmo de sua “libertação” daquele espaço ora instituído.

Esse ponto sobre a educação é bastante relevante. Há, ainda, muita discriminação à figura feminina, por parte de alguns docentes e, mais especificamente,

⁵ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A Feminização da Sociedade. IN: Nordestino: Uma Invenção do Falo. Uma História do gênero Masculino(Nordeste-1920-1940). Maceió. Edições Catavento, 2003. p. 34.

por parte de alguns dos nossos livros didáticos. No livro *Dos Tempos Modernos ao Mundo Globalizado. IN: História e Vida. v. 4. São Paulo da editora ática, ano 2002, dos autores Nelson Piletti e Claudino Piletti*, percebi que a questão das identidades é apontada de forma demasiado seletiva, pois em sua maioria são discutidas as identidades heróicas, geralmente homens que lutam em defesa de si ou de outrem, no entanto, quando se trata da figura feminina, esta é destaque burlando costumes, crenças e tradições, infringindo alguma lei, que lhe tenha sido indicada e/ou imposta enquanto modelo de conduta, por ser mulher.

A partir do século XIX, a diferenciação sexual, a binaridade já mencionada, bem como a questão da igualdade entre os sexos foi repensada e auxiliaram na redefinição da liberdade feminina. Os discursos masculinos intelectuais, do início do século XX, tornavam-se radicais ao assinalarem com certo teor de desagrado, o fim da feminilidade. Esclareciam que, com todas essas mudanças tanto de ordem estética quanto comportamental, as mulheres estavam banalizando-se, deixando de lado todo seu encanto natural ao procurar de igualar ao homem, chegando a ponto de não mais se conseguir distinguí-los.

... Anda bruscamente, nem sequer lança um olhar ao que deve interessar ao espírito feminino. Os mostruários de modas não as atraem, nem sequer os mais encantadores (...) Contenta-se com chapeuzinho vulgar, a roupa, talhada sempre a mesma, os sapatos. Invisível, passa sem cansaço, sem parar um instante⁶.

Essas mudanças de comportamento feminino, devido aos artefatos da moda, nesse contexto, tornavam-na dominadora, enganadora, traiçoeira, ameaçadora, causando impacto entre homens que estavam acostumados com mulheres simples, submissas, dependentes, segundo nossa sociedade tradicionalista.

Aqui no Brasil, essa subjetivação da mulher como sexo frágil, insegura, durou até meados do século XVIII, não que não exista mais, só que não da forma naturalizada como se via anteriormente aos olhos dos discursos masculinos.

Apesar do que é pregado por muitos estudiosos e até mesmo pelo senso comum, preservar antigos costumes e tradições vinculadas ao fato de SER

⁶ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A Feminização da Sociedade*. IN: *Nordestino: Uma Invenção do Falo. Uma História do gênero Masculino(Nordeste-1920-1940)*. Maceió. Edições Catavento, 2003. p. 34.

MULHER, não é fácil, sobretudo numa sociedade baseada num tradicionalismo extremado.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior discute a questão do gênero partindo de Gilberto Freyre, o qual aponta que seus discursos remetem a figura feminina à questão familiar, onde a figura do pai representaria o poder, a autoridade. Segundo ele, no final do século XIX, nossa sociedade viveu um processo de *feminização*⁷ após a 1ª Guerra Mundial, causando mudanças quanto à visão do mundo e do homem. Neste período e nesta sociedade predominaria o Pai, o “macho”, o homem, representando, assim, a verticalidade na hierarquia social.

No século XX, a discussão sobre gênero tem continuidade, só que, neste momento, adentra as ciências sociais e humanas, bem como a mente de muitos estudiosos e curiosos em saber mais sobre o sexo feminino, isto é, ganha espaço noutros campos do saber, proporcionando uma maior reflexão acerca da visão que se criou da figura feminina e, assim, entender como se iniciaram as indagações e toda a problematização atinente à diferença e, a partir destes questionamentos, poder se falar em História das Mulheres e se discutí-la, indo além daqueles discursos naturais e/ou biológicos tidos como indelévels.

Nos anos 1970, com a emergência do feminismo e com a emergência da história das mentalidades, o estudo sobre as mulheres começa a ganhar espaço nas universidades que se abriram aos grupos de pesquisas destinados à reflexão sobre a temática, incentivando trabalhos e monografias, com o fito *fazer surgir às mulheres no seio de uma história pouco preocupada com as diferenças sexuais e demonstrar a opressão, a exploração e a dominação que sofriam e que as subjogava*.⁸

Apesar dessa abertura, vale ressaltar que, em princípio, alguns historiadores resistiram a essa abertura do campus à história feminina e não analisaram e/ou escreveram sobre as mulheres de forma muito enfática, apenas reservando-lhes espaços singelos, mesmo assim, referindo-se à questão feminista e não à história das mulheres.

Neste contexto, outras questões vêm à tona como sexualidade, criminalidade, conscientização, morte como também medo, pecado, relações de vida pública e vida privada, dentre outros, fazendo surgir a noção de *cultura feminina*, na

⁷ Assim como Margareth Rago, Albuquerque Júnior, analisa essa feminização como sendo a incorporação dos valores, idéias, formas, concepções especificamente pelo mundo masculino.

⁸ PRIORE, Mary Del. História das Mulheres no Brasil. São Paulo, Contexto, 1998.p. 220.

qual gestos e práticas são analisados como formas culturais e permitiram aos estudos sobre papéis sexuais a aquisição de um novo perfil na historiografia.

Neste ínterim, havia uma (re) formulação da condição da mulher, desencadeando um controle de natalidade, do aborto e, também passou a haver todo um controle ligado a questões religiosas, já que a maioria dos caminhos espirituais surgiu a partir de sociedades machistas que canonizaram o modelo ideal como sendo o patriarcal. E mais, ao longo de sua história, a Igreja desenvolveu uma cultura machista e discriminatória com relação à mulher.

Essa situação, sobretudo no Brasil, sobrecarregou a mulher, pois esta tinha, em muitos casos, de além de desempenhar o papel de chefe de família, lutar pela sua subsistência. Sendo assim, não era possível pensar em realização pessoal quando a situação de pobreza permitia, somente, lutar pela sobrevivência diária. Hoje, apesar de toda dificuldade de ordem financeira, ainda há algumas “extras”, como a discriminação, o (pre)conceito, devido a mulher querer ir além daquilo que lhe foi imposto ao longo das décadas e de sua história. Esses problemas diminuem a cada dia, pois vê-se cada vez mais a atuação e destaque femininos nos mais distintos campos.

1.1 A Mulher como Objeto de Estudo da Academia

Nos anos 80, os historiadores questionavam no que a história das mulheres havia contribuído para a história tradicional quanto à modificação e/ou renovação, isso porque se insistia em pesquisas e produções sobre a mulher, mesmo na situação difícil que se encontravam. As historiadoras contestavam, pois se não fossem feitas novas pesquisas não seria possível construir uma história diferente da já tomada verbalmente como única e verdadeira, não passível de discussões e debates.

Contudo, o que ocorria é que a história, diferentemente de outras ciências humanas, como a sociologia, ainda não tinha conseguido meios de concretizar rupturas, e poder redefinir noções tradicionalmente enraizadas e subjetivadas por muitas mulheres. Não se tinha conseguido revolucionar a ciência histórica no sentido de tornar a diferença sexual passível de reflexões, a fim de que seja vista bem além das funções e papéis, pela sociedade masculina, codificadas. Tais papéis de homem e de mulher, no trabalho e no lar, sempre seriam analisados de forma paralela, em decorrência das supostas fragilidade feminina e virilidade masculina.

Toda essa dificuldade de se estudar e escrever a história das mulheres justifica-se pelo fato de a produção histórica ainda encontrar-se muito presa à história tradicional não tendo uma posição mais precisa do objeto de estudo MULHER e sua aplicação. Durante o século XX, mais precisamente na década de 1970, abriram-se os olhos a novos objetos e novos problemas que também foram criticados e, onde a causa da mulher conquistou algumas importantes vitórias. Os últimos dez anos foram consagrados pela Organização das Nações Unidas, como sendo “Década das Mulheres”, pois o feminismo assumiu uma proporção internacional, tendo como uma de suas principais características as formas de expressão e de reivindicações.

Ao invés de internar nestas novidades, indagava-se o por quê de ser bem mais complicado estudar e escrever a História das Mulheres que a dos operários, por exemplo. Ao mesmo tempo em que se indagava já se tinha a resposta: estes operários já tinham um lugar bem definido na dinâmica social, já eram integrantes ativos da História Social e Econômica (não que mulher não o fosse, essa apenas não era reconhecida como parte integrante, pelos motivos já enfatizados).

A mulher deve estar sujeita ao marido, reverenciar-lhe, querer-lhe, obsequiar-lhe, não deve fazer coisa alguma sem seu conselho; seu principal cuidado deve ser educar e construir a seus filhos cristamente, cuidar com diligência das coisas de casa, não sair dela sem necessidade e permissão de seu marido⁹.

Atualmente, o discurso religioso católico tem outra leitura acerca da relação de gênero. Muitas dessas leituras defendem o sentimento de igualdade entre homens e mulheres, contudo quem vai às missas sabe que há párocos tradicionalistas que ainda são bem taxativos quando de posicionar o lugar da mulher junto aos relacionamentos a dois, ressaltando que as mesmas *devem acompanhar seus maridos para onde eles forem, pois lhes devem respeito e obediência, pois são, a partir do casamento, seus donos, substitutos de seus pais, e devem cuidar dele para que se mantenha o matrimônio firme e forte para enfrentar todas as dificuldades que vierem a ocorrer. E mais, a mulher não cuidando de seu marido, a sociedade (cruel e injusta, diga-se de passagem) a culpará e a condenará como imprestável, porque não foi capaz de cuidar do marido que Deus lhe deu para tomar conta dela¹⁰.*

⁹ Idem nota 5. p. 223

¹⁰Grifo nosso.

Outra razão, consoante Mary Del Priore, para explicar os problemas acumulados pela história das mulheres era a ausência de fontes, o silêncio quando da procura destas, levando os críticos dos anos 1980 a perguntarem-se: O que era, então, a história quando se é mulher? Como participa ou não do processo histórico? Lembremos que os historiadores pensaram sobre política, sociedade, fatos e temáticas estas que, anteriormente, as mulheres desconheciam. Divulgar estas indagações e idéias, lutar para que as mulheres recontem sua história, é lutar para que saia do silêncio que a persegue e a torna impotente, quando ela se deixa tomar por este silêncio, ressalte-se.

Os historiadores, em fins do século XX, explicavam que a história das mulheres só iria existir a partir do momento que alguma rompesse ou burlasse a barreira da história vista pela ótica masculina e de “suas leis”, soltasse a voz e se impusesse, tornando-se assim, fonte própria de pesquisas e matéria de dinâmica social. Nos anos 70, as mulheres adentraram as academias enquanto objeto de estudo, a fim de explicar sua rebelião devido a opressões em épocas anteriores, as quais resultaram em rupturas.

Diante disso, parecia até que a história só retinha na “sua memória” aquilo que era capaz de entender -isto é-, tudo o que emanava da norma masculina e de uma integração à história dos homens e de suas supostas leis, como se apenas estes tivessem lá sua importância para o estudo da História; como se suas descobertas e suas inovações somente fossem de responsabilidade dos homens, de suas atitudes enérgicas, muitas vezes, e nunca da construída fragilidade e/ou do pulso feminino. É realmente difícil de se entender como uma sociedade pudesse (con) viver com esse tipo de raciocínio diante das inúmeras necessidades ímpares que essa mesma sociedade enfrenta corriqueiramente, considerando que ainda há muitos que vêem a mulher como sendo um complemento do ser Homem, mesmo vendo que estas estão a cada dia, não tomando os lugares que alguns homens estudiosos reservaram como sendo deles e para eles, mas ocupando um lugar que por fato lhe foi subtraído e por direito lhe pertence, por ser tão importante quanto o homem.

Nos anos de 1980, a história das mulheres e toda sua problematização passou a funcionar como objeto de estudo, uma vez que reconheceram que haviam destinado à mulher lugares humilhantes, simplórios demais como: atrás de balcões, de vitrines e livrarias, mas nem por isso deixava de ser um espaço à ela dedicado; que era preciso, por isso, tirá-la dos bastidores, do esquecimento e, assim, destacar seus episódios de lutas e resistências em busca de seu lugar, enfim torná-la ou trazê-la de

volta ao seu lugar de origem: lugar de sujeito da história e, principalmente, de sua História.

O campo histórico como um todo, pondo à margem esse valor minimizado da figura feminina, sem fazer restrições nem ao seu território nem ao território masculino, promoveu a divisão entre homens e mulheres, o que a fez sentir-se vencedora e fez com que, historicamente, a figura feminina desaparecesse frente à dominação masculina e a minoria coletiva.

Michel Foucault escreveu obras as quais convencionou-se chamar de “historiografia da transgressão”, onde vários historiadores observando a vida social brasileira nos períodos colonial, imperial e republicano, iam à procura de práticas que desviavam da norma estabelecida, ou seja, que iam de encontro às práticas normativas determinadas, fazendo surgir trabalhos científicos sobre as classes menos importantes, até então, no mundo da cientificidade.

Ainda no que tange à abertura universitária aos estudos sobre as mulheres, tem-se a história oral como fonte de pesquisa que contribui para a recuperação da memória feminina, resgatando sua identidade e a vida das donas-de-casa, solteironas, viúvas, empregadas. Os diários possibilitaram aos historiadores penetrar, mesmo que ainda timidamente, na intimidade da figura feminina, através do campo do desconhecido e dos eventos cotidianos.

Numa tentativa de se abranger e de lhes dar um lugar histórico, historiadores americanos viram que era preciso unir as histórias masculina e feminina, só assim dar-se-ia uma maior amplitude a questão do “gênero” conseguindo, com isso, resultados mais objetivos para suas pesquisas e proporcionaria uma nova construção social, por meio de discursos e práticas de categoria masculina e feminina, dessa maneira, tornar-se-ia possível a compreensão de toda a avalanche de discursos que instituíram os lugares que, hoje, são destinados à mulher.

As mudanças e o progresso que o sexo feminino, em suas relações e experiências com o sexo masculino, nas últimas décadas, vêm conquistando cada vez mais adeptos, antes ainda silenciosos, por medo ou dependência, corriqueiramente, o que não apenas deve ser entendido como algo exterior aos próprios costumes e/ou tradições familiares ou não ou, ainda, às práticas culturais. Estas se deram também, no quesito, sensibilidade, tornando as pessoas um pouco mais abertas à questão feminista, mesmo que hajam discordâncias, condenações por parte de muitos nos códigos de sociabilidade e nas relações de gênero, fazendo com que homem e mulher de conheçam

mais e melhor a ponto de buscarem maior desempenho profissional a até pessoal, onde alguns homens, pouco esclarecidos, não vejam a mulher, em especial a brasileira, somente como dona-de-casa, mãe e esposa e onde esta mulher não mais naturalize esses estereótipos, essas subjetividades introjetadas por muitas por meio de discursos, uma vez que neste momento todos são iguais sendo que a única diferença é o sexo: o homem e a mulher, não distinguindo quem deve fazer e o que deve fazer.

CAPÍTULO II:

2. Entre os Espaços Privado e Público:

A Busca de uma Conciliação

2.1. O Movimento Feminista e as Reivindicações das Mulheres

“Ouso dizer que às vezes você se espanta com minha maneira dependente de andar pelo mundo como se a natureza me tivesse feito de seu sexo e não do da pobre Eva. Acredite em mim, querido amigo, a mente não tem sexo, a não ser aquele que o hábito e a educação lhe dão”.¹¹

Numa época de reordenamento de nossa sociedade, se observam segmentos se articulando, no sentido de exigir uma maior participação feminina nas decisões fundamentais, e reivindicando seus direitos enquanto parte integrante desta sociedade que, durante muito tempo, tentou retirá-los de cena e deixá-los nos bastidores.

Esses segmentos fazem parte de uma gama de indivíduos que são tidos pelo discurso quer seja médico, jurídico, popular como sendo os “outros”, os “anormais”, os “diferentes”. Isso por não agirem de acordo com que eles consideram ser “normal”, dentro de suas especificidades e conhecimentos. Dentre estes podemos citar os homossexuais, os loucos, as prostitutas, as mulheres. Estas últimas, que buscam seus direitos, seu lugar, sua condição enquanto membro de uma sociedade baseada em discursos masculinos precocemente defendidos e, muitas vezes, introjetados por elas mesmas, enfim, estereótipos e idéias pré-concebidas, mas que tendem a imperar.

O movimento feminista passou por duas fases distintas e está num terceiro momento. O primeiro foi marcado pela luta e pela igualdade de direitos. O segundo pela conquista da especificidade do feminino. Atualmente, o movimento tem permitido às mulheres remodelarem a trama social, no que diz respeito ao fato de vê-las ocupando os mais distintos papéis e/ou cargos sociais sem receio e com muita competência e responsabilidade.

A maior participação da mulher no processo produtivo, a partir da Segunda Guerra Mundial, permitiu um número maior de trabalhos sobre elas. Foi nesse

¹¹ Frances Wright, feminista inglesa, em 1822.

período que mulheres de estratos sociais médios começaram a conquistar sua cidadania, a trabalhar fora de casa, a participar das discussões relacionadas à política e a tomar decisões por conta própria.

Há um entrelaçamento entre as diversas áreas de estudo sobre a mulher, como visto no capítulo anterior, bem como várias ocorrências como as que partem da mulher na família, as condições materiais de determinação social da mulher e, ainda, as que partem do espaço privado, investigando a relação de poder, e as que cuidam das representações a ela inferidas.

Houve e há uma verdadeira disputa sobre a questão do lugar do feminino em nossa cultura e sua relação com o diferente, o que nos leva a questionar como a sociedade brasileira atual reage frente à idéia de a mulher do lar caminhar com autonomia, com independência. Mulher esta que, não tem mais tanto receio de agir por si só, sem ser preciso ou correto o fazer sob a regência e a sombra masculina.

Na sociedade industrial, a família patriarcal cede lugar a família que trabalha, que vê o *ex pater*-famílias desempregado e passa a procurar trabalho para ajudar na manutenção da casa. Nesta sociedade, há um significativo controle de natalidade, pois se antes muitos filhos significavam força de trabalho, neste momento, representavam mais bocas para alimentar.

Mesmo com os avanços conquistados por estas mulheres à custa de luta e resistência, sua condição feminina ainda é muito discriminada nos mais diversificados segmentos da sociedade brasileira.

A mulher brasileira, especificamente, a doméstica, com suas lutas e resistências ao longo dos anos, conseguiu grandes e significativos avanços, no sentido de se impor e se fazer existir enquanto parte integrante da sociedade. Com o movimento feminista, no qual as mulheres tinham entre suas reivindicações direito ao voto, a escolha de domicílio e ao trabalho, independentemente da autorização do marido, obteve a possibilidade de “estar presente” e intervir no que compete às profissões, à vida social, às instituições, aos sindicatos, ruas, praças, bares. Por meio dessas aberturas, nestes tempos, é que a sociedade ocidental se tornou mais feminina ou, pelo menos, apresenta uma aceitação mais evidente dessa cultura.

Apesar dessas mudanças, sob uma ótica ainda muito masculinizada, elas não são em decorrência das lutas femininas. O fato de essas mulheres conquistarem, com seu “braço forte”, cargos importantes, além dos indicados biológica e naturalmente, proporcionou mutações no que corresponde às relações de gênero que

afetaram diretamente o ser homem e, conseqüentemente, seu raciocínio sobre essas mesmas mulheres.

O movimento feminista e a crescente entrada das mulheres no setor público, questionaram diversas explicações já historicamente enraizadas na sociedade, bem como desestabilizou algumas tradicionais definições das identidades de gênero que demarcaram o espaço público para os homens e o espaço privado para as mulheres.

Esses questionamentos e essa desestabilidade abriram novas perspectivas para o destino da humanidade e, dessa maneira, fez suscitar medos e angústias em outros setores sociais. Isto porque alguns estudiosos e defensores da causa feminina viram nele uma possibilidade de novas e melhores condições de vida e de sociedade, novas perspectivas de um futuro promissor, sendo assim, outros viram essa emergência da mulher enquanto sujeito ativo como uma ameaça às estruturas já devidamente fincadas e enquadradas nos mais diversos ramos sociais. Esta constituiria um estorvo na vida daqueles que, durante muito tempo, viram e estiveram-na *em suas mãos*.¹²

A inserção da mulher do lar no convívio social foi tida, aqui no Brasil, como um grande sinal de dissolução dos costumes, uma verdadeira desagregação social, onde a moral e os bons costumes estavam desaparecendo em meio a tanta violação das tradições socialmente conhecidas e definidas como sendo as mais viáveis, acirrando-se assim, as controvérsias que permeavam os pensamentos e discursos de meados do século XX, bem como comprometiam definições acudidas por teóricos modernistas e, ainda, pela própria sociedade.

Admite-se, hoje, que as mulheres conseguiram muitos espaços sociais antes inexistentes ou proibidos para elas (consoante o discurso normativo e moralizante); que conquistaram muitos cargos importantes; que causaram inúmeras mudanças nas relações de gênero, mudanças que, por sua vez, afetaram a própria maneira de ser homem e estes de pensar o que é ser mulher, o que é ser do sexo feminino.

O filósofo George Simmel, em artigo de 1902, e a feminista Rosa Mayreder (1905) apresentaram indagações e respostas alternativas às questões de gênero. Esta por exemplo, afirmava que *a emergência do feminismo teria por causa,*

¹² Expresso-me desta maneira radical, pois muitos homens têm suas mulheres como sendo suas propriedades privadas, verdadeiras marionetes em suas mãos, onde apenas agem de forma manipuladora. Refiro-me, assim, aos casos que presencio e vivencio tanto no meu ambiente de trabalho, quanto na rua onde resido. Por incrível que pareça, ainda há homens com esse “raciocínio”: *Mulher de verdade é a que cuida da minha casa, dos meus filhos e de mim.*

*uma crise da identidade masculina e o abandono, por parte destes, dos espaços para e por eles construídos e ocupados há tanto tempo*¹³.

Para Rosa Mayreder, essa estréia feminina seria explicada menos como uma luta das mulheres pela liberdade e mais como uma vontade de se ocupar dos postos antes pelos homens dominados, com também por uma necessidade vital e social, já que estes os haviam abandonado. *Já que os homens se tornaram mulheres, as mulheres não têm outra escolha senão ocupar o terreno por eles desertado. (Jacques Le Rider, 1992: 265)*

Já Simmel apresentava-se mais indagador no que corresponde a contribuição das mulheres ao participarem de um mundo objetivamente sob um olhar masculino. Sobre isso reflete:

... essa cultura, que é a nossa, se revela inteiramente masculina com exceção de raros domínios. A indústria e a arte, o comércio e a ciência, a administração civil e a religião foram criação do homem, e não só apresentam um caráter objetivamente masculino, como, ademais, requerem, para sua efetivação repetida sem cessar forças especificamente masculinas. (Simmel, 1993: 74).

No que compete à divisão dos trabalhos entre os sexos, Simmel é ainda mais taxativo:

O verdadeiro problema cultural que colocamos assim (produzirá a liberdade que as mulheres buscam novas qualidades culturais) só encontrará resposta positiva mediante uma nova partilha das profissões ou mediante uma nova modulação destas, fazendo não que as mulheres se tornem cientistas ou técnicas, médicas ou artistas no sentido em que os homens o são, mas que realizem trabalhos que eles são incapazes de realizar. Trata-se em primeiro lugar, de redistribuir os trabalhos globais de uma profissão dada, de reunir depois os elementos especificamente adaptados ao modo de trabalho

¹³MAYREDER, Rosa. Crítica da Feminilidade. Ensaio de 1905.

feminino para constituir esses ofícios parciais, singulares, diferenciados. Não se obteria, assim, apenas um aperfeiçoamento e um enriquecimento extraordinários de todo o setor de atividade envolvido, mas também se evitaria em boa parte a concorrência dos homens. (Ibidem)

Refletindo essa questão aqui no Brasil, vemos que há, ainda, muita discriminação sofrida pela mulher doméstica, no sentido de esta sair para trabalhar fora do espaço de sua casa. Esta discriminação está presente tanto na própria instituição familiar quanto no trabalho. Estas mulheres têm tido mais acesso à educação e ao mercado de trabalho, todavia é perceptível, em muitos casos, que muitas mulheres são responsáveis por um percentual significativo da renda familiar e, em geral, recebem menos que os homens pelo mesmo tipo de trabalho. Essa é uma das atuais reivindicações da figura feminina, a igualdade na remuneração tendo em vista tratar-se do mesmo tipo de trabalho.

2.2. As Relações de Gênero na Contemporaneidade: Conflitos entre a Tradição e a Modernidade

O atual modelo de globalização oferece certas modificações e possibilidades para as mulheres, mas como ainda há muita discriminação social e exclusão aos menos favorecidos, a situação da mulher acaba se equiparando a mesma segregação. A concentração da terra nas mãos de uma minoria social, a diminuição dos postos de trabalho e todo tipo de injustiça estrutural oprimem homens e mulheres, contudo, de certa forma, acaba criando mais sofrimento para as mulheres. As mães de família, por exemplo, são duplamente atingidas pelo desemprego, primeiro por ser mulher e depois por ter filhos, casa, marido, segundo as empresas, isso dificulta sua vida no trabalho, visto que não vai ser rentável para uma empresa ou qualquer outra instituição trabalhista, ter uma pessoa muito “atarefada”, sobretudo, se estes compromissos forem de ordem doméstica, sendo estes mais desgastantes e exaustivos.

Mas do que o homem, a mulher é notadamente forçada a trabalhos aviltantes por falta, muitas vezes, de condições mínimas, o que é facilmente perceptível nos depararmos com mulheres com filhos no colo, pedindo auxílio nos sinais de trânsito, nas ruas, feiras livres, esquinas, tanto nas grandes quanto nas cidades de

pequeno porte. Quando não se prestam a isso, muitas se prostituem, fazendo de seu corpo, sua fonte de renda. Em muitos casos, o fazem sob o desconhecimento familiar, por não terem opção alguma de vida, isso tendo menor ou maior idade, ou ainda, por sua própria vontade, significando o seu sustento, sua forma de viver e, para muitas, viver bem de forma rápida e fácil. A miséria econômica castiga mais as crianças, sem ter como garantir comida, saúde e mesmo habitação digna, tem que se submeter a todo tipo de situação que lhes é imposta.

A causa da igualdade e da justiça diz respeito a todas as pessoas comprometidas com uma sociedade nova. Assim, mulheres e homens, dentro e fora das estruturas institucionalizadas, sejam trabalhistas, familiares ou leigas, devem caminhar juntos para uma relação de gênero que conduza a essa sociedade de diálogo, respeito às diferenças e compromisso com o bem comum.

A participação da mulher na esfera pública emerge no início do século XIX, com a implantação das fábricas na Europa. Ressalte-se que, aqui no Brasil, não aconteceu no mesmo momento, nem da mesma forma. Faz-se necessário dizer, que a operária que começa a deixar o privado: sua casa, seus filhos, seu marido e seus afazeres domésticos e passa a atuar no espaço público é uma minoria que tem que conciliar casa e trabalho, como nos apresenta Marina Massi: *A obrigatoriedade de conciliar o privado com o público é a mais eminente tarefa, a qual esta mulher está submetida*¹⁴.

Culturalmente, através da socialização, as imagens de mulher e de homem vão se construindo e se interiorizando com a marca do *é assim mesmo, sempre foi assim e sempre será*. O doméstico (privado) é o feminino e o público é o masculino, com isso tais sustentações inscrevem internamente no sujeito, a representação do que é feminino e masculino.

A mulher do lar passou a modificar sua rotina de trabalhos domésticos, modificando-os graças a sua maior inserção no mercado de trabalho. É forçoso que o trabalho doméstico possa ser realizado num tempo hábil para que essa mesma mulher, que cuida de tudo, possa ter uma segunda jornada de trabalho, dessa vez, fora de casa. Essa é, hoje, uma das condições que muitos cônjuges impunham para que sua esposa possa trabalhar fora: tem de dar conta do trabalho para ajudar nas despesas, porém tem de continuar dando assistência total em casa.

A socialização da mulher ainda é baseada preponderantemente na

¹⁴ MASSI, Marina. Vida de Mulheres: cotidiano e imaginário. Rio de Janeiro, Imago ed., 1992: 54.

constituição da família, na maternidade e nos cuidados da casa. As meninas são mais educadas na família para tornarem-se boas esposas e mães do que cidadãs e boas profissionais. Há instituições escolares que trabalham com métodos pedagógicos que não têm por objetivo primordial a preocupação com o preparar da mulher na escala de uma vocação, que possa ser também uma profissão e que lhe permita uma entrada no mercado de trabalho da sociedade.

O cotidiano privado ainda permanece nos padrões tradicionais da família patriarcal. A vida das mulheres nos mais distintos setores sociais é ladeada por contradições de uma prática passada e de projetos futuros. Nada foi dividido ou compartilhado pela sociedade igualmente. O momento atual e as atitudes sociais são opostos à cobrança dedicada à mulher que constitui o alvo das cobranças, das críticas dessa mesma sociedade que, apesar de muito tempo de luta, de vitórias e muitas intempéries ainda a reserva o lugar de Ser perfeito, padronizando-a como sendo o modelo de perfeição.

O modelo cultural construído pelo imaginário social na sociedade contemporânea nas mais diversas camadas sociais é o da mulher que trabalha, que é satisfeita na sua vida sexual e que busca fazer o que gosta de forma prazerosa. Esse é o modelo. Entretanto, o que temos é um discurso já bem contemporâneo, se analisarmos a situação das mulheres nas camadas mais tradicionais de nossa sociedade, visto que nos deparamos com uma realidade bem diferente, pois muitos vêem a mulher como sendo um elemento que deve ser policiado, guardado e cuidado, para evitar o desgaste (tanto física quanto moralmente).

Quando a mulher trabalha fora, confronta-se com a representação interna da boa-mãe, aquela disponível, e sente-se angustiada por não corresponder à idealização. Esse discurso ideológico não permite que elas se dêem conta de que a falta de estrutura social de apoio à maternidade, a inexistente divisão das tarefas domésticas entre os cônjuges, são temas que deveriam ser pensados enquanto problema social e não como tarefa exclusiva da mulher.

As mulheres consideradas do lar, que trabalham fora e que procuram creches são vistas, pela sociedade que ainda não a vê como sendo um sujeito ativo, como mães inadequadas, que exigem a ajuda do marido e as que dependem dele também são vistas assim. Dessa maneira, não dá para entender: se trabalha é rotulada de “machão”, que quer tomar o lugar do marido, de irresponsável, e, se não trabalha, é acomodada, vive às custas do marido, não tem coragem de trabalhar. Embora não

conhecendo a realidade da pessoa, a julga inferindo a ela adjetivos que não merece, por não trabalhar, não procurar ajudar o marido nas despesas ou mesmo ter seu próprio sustento.

A autora Margareth Rago (2002), enfatiza que homens e mulheres duelam no sentido de obter o controle do que é ser mulher hoje, vindo à tona uma série de interpretações historicamente divergentes. Se por um lado catam-se formas de burlar toda e qualquer subjetividade secularizada em torno da mulher e que ela, tende a reafirmar seja por meio de atitudes, de consentimentos, ou mesmo do próprio silêncio.

Tem-se que construir sua identidade feminina de acordo com sua importância e capacidade, a fim de poder recusar as identidades que emergiram com olhares masculinos por meio de conceitos e discursos científicos e moralizantes, fundamentados na cultura predominantemente falocrática. O modelo que impera na pedagogia ainda é o da mãe disponível. A psicanálise responsabiliza as mães pelos cuidados e pela formação dos filhos. Esta não o fazendo completamente, constituir-se-à irresponsável com sua prole, como se costuma dizer de forma mais coloquial. Isso, como se apenas a mãe tivesse obrigação de fazer e não o pai, este tem de trabalhar para dar-lhes de comer (que é o seu papel), diga-se de passagem, instituído e “petrificado”.

A reprodução e a socialização são tarefas fundamentais dentro da sociedade, apesar de não serem devidamente reconhecidas e valorizadas como tarefas sociais. São vistas como um dever natural das mulheres estando na esfera do privado e quase nunca da social.

Ou nós assumimos coletivamente os valores masculinos de competitividade ou então trazemos para o domínio público os valores de que somos tão profundamente portadores quais sejam da não - violência, da ética do cuidado, da solidariedade e da sensibilidade para o mundo das relações e dos afetos.¹⁵

Com o desenvolvimento da sociedade capitalista, baseada num consumismo desenfreado e num mercado de trabalho cada vez mais competitivo, alguns homens, em meio a tantas obrigações financeiras e tantos compromissos, estão abdicando de seu “orgulho másculo” e observando que não há mais condições de

¹⁵ Ibidem, p. 187.

continuar com isso e, mais, sentindo a necessidade da inserção da mulher nesse mercado de trabalho, a fim de compartilharem as obrigações caseiras e, sobretudo, construírem uma vida mais amena em relação às perturbações, contudo ressalte-se que há uma condição: esta mulher não deve se desligar de suas funções domésticas de mãe, esposa, dona-de-casa, tem que saber conciliar suas atribuições dentro e fora do lar.

Porém, enquanto a mulher não pensar como cidadã e como alguém que poder sustentar-se, não irá conseguir reverter esse quadro, pois a alegação é que com o que ela ganha não se pagam as despesas.”¹⁶

¹⁶ Ibidem. P.182.

CAPÍTULO III:

3. Mulheres Acadêmicas versus Mulheres Domésticas: Fronteiras em Aberto

“Mulheres, reservem um tempo para vocês mesmas. Façam atividades prazerosas, não importando com o que os outros possam pensar. É uma forma de dizer ‘eu me amo’”¹⁷.

3.1. As Várias Faces das Mulheres Investigadas

Apesar dos enormes e visíveis retrocessos de ordem política, econômica, social e, até mesmo individual, e das profundas e significativas intolerâncias que atravessam os tempos atuais, as quais causam mal-estar na maioria da população, diante da imposição de sermos o que a sociedade globalizada e individualista advoga, vive-se num mundo demasiado libertário e feminista, questionado ininterruptamente em todos os seus movimentos e momentos históricos.

A autora Nádia Regina¹⁸, uma das precursoras dos trabalhos sobre gênero, no Brasil, discute como a mulher vem sendo oprimida e porque não dizer excluída de nossa sociedade quando da tomadas de decisões e sua participação mais evidente em seus caminhos, também de grande parte dos destinos universais e, também discute qual a razão de tais atitudes, levando em consideração ser esta a (grande) maior responsável pela reprodução, todavia ressaltando que esta já tem conseguido um espaço bem relevante e significativo.

Considerando esta questão, vê-se quão problemática ela é, pois a autora enfatiza o caráter mais generalizado dos trabalhos da época em que esta os analisou. Vê a figura feminina ainda muito inerente ao homem e seu discurso proferido brusca, violenta e enfaticamente. Aponta que a subordinação da mulher ao homem existe desde os tempos mais remotos, onde esclarece que na Pré-história o homem chegou a substituir a mulher na agricultura com o uso do arado, fazendo com que o desenvolvimento das forças produtivas pertencentes ao homem desencadeasse no processo de queda do status feminino.

¹⁷ Dra. Olga Inês Tessari Psicóloga e Psicoterapeuta, 1984, 42 anos, em discurso pronunciado e incluído no Site de Padre Marcelo.

¹⁸ Nádia Regina Loureiro de Barros Lima, militante feminista, em sua obra: Mulher em Questão, 1987, 70p..

Destaca, ainda, que na Idade Antiga, a mulher tem sua posição demasiado desvalorizada, assim, o homem era o 'proprietário' dessa mulher que funcionava como um dos objetos que compunham tal propriedade, servindo apenas para sua manutenção.

Biologicamente, a diferenciação social persistente nessa sociedade contemporânea, que elege o sexo masculino como sinônimo de superioridade e o sexo feminino como de inferioridade, é explicada em decorrência de aquele possuir uma força física mais desenvolvida que o faz superior à esta. Isso se deve ao fato de que, consideram-se o tamanho e a força masculina em detrimento das atividades sutis que limitam os movimentos femininos, a exemplo da coleta, da gestação, da criação dos filhos, dentre outras tantas atividades destinadas a suposta fragilidade feminina.

Essa dominação é oficial, asseverada e protegida, até hoje, pelos discursos médicos, higienistas, intelectuais, dentre outros estudiosos que declaram ser o sexo feminino singelo demais para participarem ativamente de diversas atividades.

As formas de resistências dessas “pobres mulheres” foram das mais diversas e estas não foram as únicas formas de dominação, mesmo assim os representantes do sexo masculino que viveram estes períodos, protegidos por todo um tradicionalismo evidente nessa época, tentaram das mais distintas maneiras fazer das mulheres suas escravas, suas reais propriedades.

Analisando os discursos da autora e os que ainda vigoram no Brasil, sobre ... *a esposa-dona-de-casa-mãe-de-família...*¹⁹ bem como adicionando aos discursos das universitárias, percebi que todas consideram o trabalho doméstico como sendo um trabalho digno, muito prazeroso, apesar de exaustivo e, que elas enquanto mulheres casadas e donas de casa, devem fazer. Elas não se discriminam enquanto domésticas (levando em conta que muitas não se aceitam enquanto tal), por se dedicarem a casa, aos filhos (considerando que todas têm), são mães de família que tem na família seu alicerce. Consideram a instituição familiar de vital importância para o bom andamento de suas vidas (refiro-me tanto às suas vidas com filhos e marido quanto com seus irmãos e pais).

São pessoas do meu círculo social que, sentindo a necessidade de saber mais sobre o que pensavam sobre suas vidas enquanto acadêmicas e donas-de-

¹⁹ RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar. A utopia da Cidade Disciplinar - Brasil 1890-1930*, Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1985, P. 62.

casa e qual seu lugar de mulher na nossa sociedade, decidi conhecê-las mais intimamente, por meio de entrevistas.

No intuito de dirimir algumas de minhas imprecisões, resolvi investigá-las quanto às suas também, lembrando que traço um paralelo entre mulheres consideradas pela sociedade como sendo só e somente só donas-de-casa, e as que se libertaram de seus destinos pré-concebidos e instituídos, como sendo aquele que deveria seguir sem questionamentos, umas com bem mais dificuldades que as outras, mas que independente disso, conseguiram.

3.2. Identidades Acadêmicas Versus Identidades Domésticas

As quatro domésticas entrevistadas, todas com idade acima de trinta anos declararam que estão onde estão, ou seja, ocupam o(s) lugar (es) que ocupam, por pura escolha, justificando que sempre quiseram ter sua própria casa para cuidar, sempre quiseram ter o que tem, portanto, não têm do que reclamar, pois tudo foi em conseqüência de sua falta de coragem ora para estudar, ora para buscar outros meios de viver e, conseqüentemente, ter hoje, outra realidade. Três universitárias, acima de quarenta anos, também confessaram que são o que são por pura escolha, porém tudo que têm foi conseguido com muito esforço, nunca tiveram nada com facilidade, por isso dão tanto valor ao que são e ao que tem.

Dentre as universitárias, uma delas, quarenta e cinco anos, mãe de dois filhos [um com vinte e dois e uma com treze anos], se destacou ao expressar enfática e taxativamente que o lugar que ocupa, hoje, foi e é uma imposição, pois não lhe foi dada oportunidade para buscar outros caminhos, além de comerciante e doméstica, “*se fosse por escolha, teria feito enfermagem, teria estudado mais*”.²⁰

A maioria das universitárias que entrevistei defendeu a importância da universidade, apontando todas as alterações que essa nova fase havia provocado em suas vidas, as quais deram oportunidade para romper com a opinião de que a mulher é incapaz de exercer algum papel profissional na sociedade; contribuí para a discussão e análise do papel da mulher, o porquê da mulher ser taxada de rainha do lar. A mulher vê que esse não é apenas o seu papel, pode exercer outras funções. A universidade *abre a cabeça da mulher para os novos papéis que ela pode exercer frente aquilo que sempre*

²⁰ Essa entrevistada, que solicitou que seu nome não fosse exposto, falou com certo desagrado de sua vida, apontando que não queria ter tido a vida que tem hoje, culpando seus familiares que, por serem tradicionais demais, não a deixaram ser o que queria ser realmente.

*lhe foi incumbido; desperta seu senso crítico, ensina as mulheres a se impor, lutar por seus direitos, enfim proporciona a mulher mais liberdade de ir e vir, de se expressar*²¹.

Duas das universitárias entrevistadas enfatizaram que, por ter entrado na universidade, segundo elas, *tarde demais*, tinham uma cabeça já formada quanto à situação – imposição da mulher. Sendo assim, a instituição não contribuiu diretamente para que suas mentes se abrissem no sentido de deixar envolver pelo discurso acadêmico mesmo que esse a fizesse romper com muitos estereótipos criados ao longo dos tempos e, por elas mesmas introjetados. Quando indaguei até que ponto a instituição havia contribuído para romper com os preconceitos construídos à mulher, responderam:

... não contribuiu muito, já cheguei com a mente preparada, pois sempre incluiu-se em pastorais que a auxiliaram a ver realmente a vida;

Por ter entrado na Universidade já tarde, ela não fez tanta diferença quanto a esse rompimento. Já entrou aqui de cabeça feita.

3.3 Subjetividades Domésticas e Acadêmicas: que diálogo é esse?

As mulheres que aqui serviram como meu objeto de estudo e reflexão, são, em sua maioria, mulheres casadas, sendo que a mais jovem tem vinte e três e a com mais idade cinquenta e seis anos, distribuídas entre universitárias e domésticas.

As domésticas têm acima de trinta anos, sem formação acadêmica, umas por falta de oportunidade outras não porque não quiseram, com já demonstrado, todas sequer terminaram o que se chama hoje, de ensino fundamental. Têm filhos, tem casa, marido, o que impossibilitou-as de continuar estudando e/ou buscando caminhos diversos.

No que compete às profissões que exercem, as entrevistadas são professoras, auxiliares de serviços gerais, agricultora, comerciantes e as encaram como resultados de seu esforço.

²¹ Tais opiniões correspondem às falas das universitárias entrevistadas, as quais ressaltaram a importância da universidade não apenas em suas vidas, mas referiram-se a instituição de forma generalizada: a forma como esta interfere na vida das pessoas (mulheres) ao nela ingressar.

Algumas, aparentemente transparecem um certo desgosto quando a isso lhes indagava. Possivelmente boa parte delas almejava ou ainda almeja um lugar bem mais adequado para elas, longe dos utensílios domésticos de suas residências ou das outras casas, ou mesmo do estresse corriqueiro causado por algumas das profissões transcritas²².

Por terem sido educadas em sua infância por pessoas cuja realidade era bem diferente da atual, queixam-se por não entenderem sua sede de saber mais, de lutar pelo que queriam e onde gostariam de estar no futuro. Ao se referirem a outras profissões, até de colegas suas que tiveram coragem de confrontar com a autoridade dos pais, ou mesmo das circunstâncias que as impediam de buscar outros caminhos, proferem com arrependimento alegando que, se pudesse voltar no tempo faria tudo diferente, só assim não teriam do que se arrepender mais tarde quando não tivessem mais oportunidade para mudar.

As acadêmicas têm entre vinte e três e quarenta e oito anos. Apesar de não terem concluído a faculdade, têm uma certa estabilidade financeira, o que em nossa sociedade, já é um grande avanço, como destacado. Além de estudantes, exercem atividades extras como secretariado; desenvolvem atividades docentes, e as que são casadas demonstraram já ter superado a não aceitação da mulher no espaço público -isto é- conseguiram reverter a situação.

Em seus discursos demonstram uma preocupação e, ao mesmo tempo, tristeza, por parte destas quanto à ausência de muitas mulheres em igual situações às suas, mas que ou por escolha ou por precisão para viver em paz (porque para muitas relações, estudar já é complicado e, na universidade, mais ainda) tiveram que optar pelo lar, pela vida em família a fim de ser uma mulher adequada, segundo os discursos populares e normativos de suas épocas.

Pude corroborar nos pronunciamentos das entrevistadas, que reconhecem que a categoria feminina vem, no decorrer dos tempos, sendo discriminada, oprimida, classificada como frágil, pelos discursos médicos; submissa, dependente em sua maioria ao homem: pai, marido, companheiro, enfim à classe masculina tida como forte, dominadora, determinada e independente.

Essas mulheres, especificamente as universitárias, apesar de depois mudarem de opiniões, apresentam certa “acomodação” quanto às práticas impostas em

²² Não posso inserir, neste contexto, as falas das entrevistadas, uma vez que estas não disseram abertamente tais informações. Tive essas impressões quando de suas falas, através de seus semblantes, não diretamente por meio de suas palavras.

suas épocas, através de sua educação. Não demonstraram alguma força para mudar toda a situação que lhes perturbava; algum incentivo, não alheio, mas seu, para mudar e/ou “brigar” para conseguir ser o que queria, ou ter o que queria. Apenas reclamaram, mas não senti em suas palavras, a principal fórmula para se conseguir o que almeja: a atitude, a ação. Quando indaguei - as quanto ao que fizeram ou sequer pensaram em fazer para mudar tudo aquilo, declararam que não queriam ir de encontro ao que já existia, uma vez que caso o fizesse seria nomeada pela sociedade como sendo uma mulher “errada”, que queria desgraçar a sua vida, pensando igual às mulheres sem juízo.

Fui educada para ser dona-de-casa, mãe de família, submissa, (...) Deveria estudar até o ginásio, não mais que isso.

Fui educada num modelo muito rígido de educação, pais não conversavam para orientar, a não ser para dizer que lugar de mulher é em casa.

A partir do momento em que estas mulheres, decidiram se unir na tentativa de fazer valer suas opiniões e convicções, criou-se um clima de verdadeira “anarquia sexual”, pois se os homens queriam manter seu conjeturado reinado, mandando e desmandando nas mulheres e muitas aceitando sem restrição, essas mulheres não vão mais se deixar levar por suas palavras e atitudes de imposição e ordenamento. Agora essas mulheres irão agir por si e não esperar pelas ações de seus “subordinados”. Segundo Elaine Showalter (1994), isso ocorreu de forma mais óbvia quando dos avanços femininos e conquistas femininas, dentre estes podemos citar.

...a emergência dos debates sobre a divisão dos papéis sexuais; a preocupação com a definição dos códigos de feminilidade e masculinidade, os direitos e deveres das mulheres, o casamento e o adultério, o controle da prostituição, o perigo da homossexualidade e o próprio feminismo, ao longo do século passado.²³

²³ RAGO, Margareth. Bibliografia incompleta.

Espera-se que com todos os estudos realizados, até então, a sociedade sobretudo, a própria mulher acabe com o pre(conceito) ou busque formas de se impor a fim de que cessem ou minimizem as injustiças que a perturbam e que perpassam as relações sociais e tornam o poder desigual e, por conseguinte, tornam estas mesmas relações ainda mais problemáticas.

Somente indo atrás de suas particularidades no sentido de fazê-los caminharem juntos, somando as diferenças, é que tornaremos as relações mais harmoniosas e respeitadoras. Apenas respeitando as especificidades de cada sexo, suas características e potencialidades (proporcionando-lhes oportunidades igualitárias) é que se dará o reconhecimento de cada um e se alcançará o tão ambicionado avanço social e a implantação da verdadeira igualdade entre os sexos. *A mulher na sua especificidade, enquanto sexo, tem particularidades próprias tanto quanto o homem, seja a nível biológico, psicológico ou social.*²⁴

Segundo a autora, podemos reconhecer a verdadeira especificidade de cada sexo, todavia não implica a dizer que necessariamente precisamos admitir que estas diferenças signifiquem a desigualdade e/ou a discriminação social entre ambos, ou seja, o fato de homens e mulheres possuírem características incomuns significa que tais características simbolizem suas potencialidades.

Nesta sociedade (brasileira) tão pluralizada e tão normatizadora, é inadmissível que ainda exista todo um jogo de subjetividades que assinalam homens e mulheres como superiores e inferiores, frágeis e fortes, ativos e passivos, e mais ainda, que exista um preconceito tão claro sobre homem e mulher, e mais notável a figura, a atuação e a presença da mulher, visto que encontramos-nos numa época contemporânea, onde o saber científico e as tecnologias cada vez mais avançadas, permeiam as relações sociais e culturais, e onde não cabem mais leituras biológicas e naturais que subjetivam a mulher e o homem como sendo uma queda de braço constante para ver quem pode mais.

Na realidade uma das mais desprezíveis formas de exposição que a mulher sofre é o assédio sexual e toda perversão que o capitalismo alimenta com seu machismo exasperado onde produz o sexismo na mente das pessoas através de revistas, jornais, TV' s, enfim, todos os meios de comunicação. São geradas assim, condições propícias para os crimes de estupro, de "defesa da honra", escravidão sexual, prostituição forçada e todas as violências praticadas contra a mulher.

²⁴ Ver Nádía Regina, *Questão de Mulher*. 1987. P.56.

Tomando por embasamento esta realidade e os discursos das mulheres que dialoguei, observei que devido às peculiaridades que as reúnem, acreditam na possibilidade de mudarem de vida por meio de seus esforços, embora algumas se apresentem mais acostumadas com seu ritmo. Vêem dualmente, o ser mulher aqui, no Brasil, pois consideram que houve certa banalidade da figura feminina, apesar de suas conquistas, ao exporem as mulheres de forma mais sexual que profissional, como assistimos nos programas de televisão, dificultando, com isso, muitas outras atitudes que poderiam ter e outras funções que podiam desempenhar.

Na questão trabalhista, analisando a figura da mulher no espaço físico de sua casa, estas destacaram que vivem independentes economicamente, porém as mais jovens queixam-se de viverem ainda muito presas aos costumes tradicionais de nossa sociedade e família, agora trazendo mais para suas vidas cotidianas aqui na Paraíba. Não conseguiram se desvincular das práticas normatizadoras e pré-concebidas para suas vidas enquanto reprodutora da família, ou seja, algumas mulheres apesar do espaço e abertura alcançados, não conseguem ou não querem burlar tradições familiares a fim de não os “desapontar”. Porém, há muitas que já conseguiram estar onde muitos homens já estiveram mas hoje elas ocupam, isso mostrando todo seu potencial de vez e de voz, isso no Poder Judiciário, nos Hospitais, nas Academias.

Contemplam o ser mulher como algo positivo, enquanto geradoras de vidas humanas e possuidoras de características ímpares, mas acreditam que podem ir bem mais além, acudindo a mulher que corre atrás de seus objetivos, que trabalha, que respeita e se dá ao respeito enquanto mulher, que almeja e consegue independência, que goza de boa educação para com os que estão à sua volta, enfim a mulher atuante, viva e segura de si e de suas atribuições, mulher que tem de ser mãe, esposa, filha, profissional mas não esquecendo de um detalhe: ser mulher acima de tudo, isto é, não descartando sua capacidade de gerar vida como sendo um dos melhores e maiores significados do que é SER MULHER.

Em se tratando, de refletir acerca da mulher em nossa realidade, não se pode falar de forma generalizada, tendo em vista ter deixado bem claro neste trabalho, o respeito e o cuidado que devemos ter ao querer inferir quaisquer tipos de conceitos sobre suas vidas, funções e capacidades.

Ser mulher na atualidade é ser versátil, ser mais ativa, mais participativa, mais interativa, com maior poder de ação, maior integração em qualquer área, seja pessoal, profissional ou educacional, mas temos de pensar que nem todas as

mulheres pensam assim, muitas já demarcaram seu espaço como sendo o com a família, com os filhos, ou seja, o espaço físico de sua casa.

Muitas destas incorporaram os discursos normativos de forma a não querer mais mudar, aceitando-os quase como “conceitos bíblicos” e, não exagero, são mulheres que temem, que seguem, que obedecem, que são reguladas, vigiadas e punidas por desviarem-se das normas definidas por uma minoria que pensa que mulher tem de andar apenas ao homem, pois caso contrário não terá validade alguma, cairá em meio a tantas responsabilidades, tanto peso, tanta carga. Muitas mulheres ainda alimentam uma postura servil em suas relações.

Essas mulheres fizeram, o que considero “caminho de volta”, isso as que tiveram coragem e foram. Fizeram outra escolha para sua vida. Voltaram a ser apenas donas de casa e se sentem realizadas. Cuidam dos filhos e do marido. Cada uma sabe o que é melhor para sua vida. A mulher está mais consciente que seu papel é bem maior que este, portanto se querem seguir é um direito que têm.

Há, ainda, muitas mulheres que se emocionam com uma declaração de amor, que adoram homens educados, doces e bem vestidos e aqueles que ainda abrem a porta do carro. Ficam encantadas com um companheiro criativo e colaborador. Gostam de delicadezas, de carinhos e gentilezas. São mulheres que derramam lágrimas ora de sofrimento, ora de rejeição, ora de sabor de uma vitória alcançada. São as marcas do seu espaço conquistado a duras penas, mas por ser por elas conquistado já valem.

Nossa sociedade nunca exigiu tanto da mulher como nos dias de hoje. Esta tem, quase por obrigação, que estar bem, logo cedo, se preparar para ser vista, admirada, julgada, às vezes preterida, cobiçada, amada entre outras tantas coisas. A própria mulher do seu tempo, não se aceita sem tentar obter o que é melhor para ela, e nesta lista de prioridades, sua família sempre ocupa lugar de destaque. Tem uma noção clara do que é bom e do que é duradouro. Apesar de realizada com os seus vários papéis conquistados na sociedade, muitas mulheres estão insatisfeitas ou até mesmo infelizes.

Descrevo, analiticamente, porque mesmo que a mulher esteja indo atrás de suas conquistas, esta em muitos casos o faz, a fim de dar uma resposta à sociedade, no sentido de dizer que é capaz e não para se auto afirmar enquanto tendo àquela capacidade. Julgo inviável a mulher agir desse modo, pois ela sabe de seu potencial, não precisa justificar para os outros, que nisso não acreditam. A mulher precisa ser ela mesma, independente da maneira que a sociedade a vê.

Desse modo, a mulher que defendo é a que investiga seu espaço e o faz valer enquanto seu, política, econômica ou socialmente e deve exercê-lo com muita eficiência e zelo, visto que ela antes de tudo é um ser humano completamente racional. Só que esse espaço deve ser conquistado sem exageros, tendo em vista que qualquer excesso é, e deverá ser sempre, condenável.

A reivindicação de seus direitos é um dever natural e ela não deve abdicar dessa participação que lhe compete, independente de quais circunstâncias se encontre, pois caso fosse agir passivamente diante das dificuldades, nada teria, nada seria. As dificuldades existem para testarmos no sentido de saber se somos ou não capazes de superá-las, merecendo ou não o objeto desejado.

As discriminações são visivelmente exacerbadas, pois quando se trata das mulheres, as complexidades são maiores, tendo em vista sua própria desorganização, a sujeição em perceber remunerações de fome, dada as suas condições de pobres e frágeis; o sistema capitalista, baseado no lucro e considerando poderoso aquele que tem mais dinheiro, incita a uma opressão do companheiro sobre sua companheira; e, sobretudo, a atuação da igreja que não incentiva um trabalho sério das mulheres. É por tudo isso, que a mulher não pode fazer-se de vítima e cruzar os braços como símbolo de aceitação, mas sim fazer de cada dia uma oportunidade de afirmar-se enquanto membro desse corpo humano intitulado sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É com base nesta premissa de que, de forma generalizada e não especificamente no caso da mulher, tendemos a naturalizar as subjetividades que inferimos sobre os outros e a que inferem a nós, como se fossem inquestionáveis, impossíveis de serem desconstruídas, desnaturalizadas. Um exemplo a ser observado ocorre, corriqueiramente, nas escolas, onde se tem, ainda, um discurso muito mecanizado sobre dados personagens. Muitos docentes ainda estão presos à conceituação e descrição única e quase indelével do livro didático de História. Não se questiona sobre o lugar da figura feminina nas sociedades e nas distintas épocas, estando esta apenas nas entrelinhas da História, em alguns momentos, não se discutem as disparidades, e os que se destacam no livro didático é que, apesar das singelas alterações, quase sempre vigoram e permanecem as mesmas informações como verdadeiras representações da realidade.

Vimos que a mulher foi tida, ao longo da História, como sexo frágil, nas relações de gênero, tanto é que viraram seus sinônimos palavras como fragilidade, doçura, dependência, submissão, dentre tantas outras.

Vimos também que os intelectuais, até meados do século XX, não fizeram da mulher seu objeto de estudo, por esta, segundo eles, não terem tanta ênfase na História, não terem uma participação ativa nos acontecimentos e nas decisões do país, porém descobrimos que elas não agiram ativamente não foi por falta de vontade e iniciativa, mas por falta de oportunidade, de incentivo para se unirem no sentido de mostrarem suas reais potencialidades e, que somente na década de 60 iniciou-se a luta pela emancipação da mulher, passando esta a se “descobrir” frente a uma sociedade que a emudecia diante de sua normatização.

Observamos que a sociedade brasileira ainda vê a mulher ativa, que tenta correr atrás daquilo que quer, que busca meios de se superar, com olhar meio que desviado, como se elas estivessem transgredindo normas que foram instituídas para seguir. Mesmo assim, essa mulher alcança seu espaço, saindo do espaço privado de sua casa para o espaço público da rua, do trabalho, das obrigações enquanto profissional. Infelizmente, tal abertura não se traduz em muitas vantagens práticas na vida da mulher, pois embora tenha conseguido, na sua luta por igualdade e melhoria das condições de

vida e trabalho, ainda é comum encontrar mulheres que ganham menos que os homens desempenhando a mesma função e tendo, em muitos casos, mais atribuições.

Enfim, constatamos que apesar de tudo, há mulheres que não querem ou por medo ou por acomodação, irem atrás de outras maneiras de viver, de mais espaço, mais posição, pois se consideram satisfeitas com o que tem e com o que conseguiram até então.

No intuito de dirimir as subjetividades negativas acerca da figura feminina enquanto sexo frágil, dependente, consoante os discursos masculinos, devemos desenvolver nossa consciência no sentido de sabermos que tudo o que somos ou toda subjetivação que se faz sobre nós são construções erguidas ao longo dos tempos; são discursos que tiveram vida a partir do instante em que foram pronunciados, narrados, com ou sem ênfase, com ou sem segurança, com ou sem intenção.

Se cada sociedade, consoante seus costumes, crenças e realidades, institui a sua verdade e a faz valer enquanto tal, observa-se quão poderosos são seus discursos, suas assertivas. Deles emana todo um regimento daquilo que se deve expor e daquilo que se deve calar, pois em decorrência de tudo isso é que uma dada cultura, juntamente com todos que a formam, vai ser conceituada, subjetivada favorável ou desfavoravelmente, através das qualificações de que vai ser alvo.

Os discursos feministas que envolvem a figura feminina e todas as suas peculiaridades buscam desenvolver um olhar mais crítico de seu papel enquanto dona de seus discursos, para que tenhamos uma sociedade mais justa, mais igualitária, mais culta, mais respeitadora e menos impositiva. E, no que se refere à mulher despertar sua criticidade sobre aquilo que lhe é inferido, fazendo-a conseguir mais espaço, mais abertura, para representar sua real função e importância em meio a toda e qualquer sociedade.

A partir das especificidades de cada cultura, sobretudo a nossa, instituída e posta em prática no decorrer dos anos, tendemos a classificar algumas pessoas e alguns comportamentos como sendo “anormais” (consideremos anormais significando diferentes dos nossos) a exemplo do homossexual, do negro, da prostituta, enfim, o “outro”, segundo nosso prisma de vida, de mundo, de padrão, de modelos que fomos educados para seguir, por isto, sendo esta nossa cultura enraizada e seguida, ao longo dos anos, resta prejudicada sua alteração.

Desta forma, vemos que predomina o modelo de mulher interessada em desenvolver suas potencialidades intelectuais e profissionais e não apenas de desempenhar funções domésticas e maternais. Mulheres que valorizam a autonomia, a independência e a busca profissional. Este representa o modelo da mulher atual, voltada para o desenvolvimento de suas potencialidades no trabalho e nos estudos, mas não esquecendo totalmente de sua casa, tendo, com isso, muitas vezes, que encarar uma dupla jornada de trabalho, como profissional e dona de casa.

Apesar de ter seus direitos garantidos pela Constituição, a mulher brasileira sabe que ainda há muito a conquistar, muito preconceito terá de ser “derrubado” da figura feminina, cabendo a ela unir-se cada vez mais no sentido de se mostrar enquanto parte integrante desta sociedade, tão masculinizada, mas que a cada dia vem deixando mais e mais lacunas para que a mulher com sua singeleza, delicadeza e sapiência, as preencha.

Assim, muitas visões ainda precisam ser mudadas, o importante é sabermos e difundirmos que ao respeitar os direitos da mulher todos estaremos contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, saudável e feliz. Nós mulheres brasileiras devemos lutar sempre por espaço e respeito, mesmo que isso signifique infringir princípios morais, desde que não nos prejudique *a posteriori*.

A mulher da atualidade deve buscar interiorizar o sentimento “primário” de que ela própria pode mudar seu destino e ir em busca de seus melhoramentos, quando achar necessário e não ficar esperando que o façam por ela, desenvolvendo assim, uma postura independente em torno de si mesma, de auto-respeito e se fazendo respeitar em todos os níveis; sexual, profissional, religioso e principalmente na sua mais divina missão, a maternal.

Precisamos sempre questionar as subjetividades inferidas à mulher como sendo inferior ao homem, como tendo que ser-lhe submissa. Lembremos que o tempo de opressão patriarcal, que subjugava a mulher à condição de um ser menor, sem personalidade, influenciável, prescreveu. Sem esquecermos que por trás de todo esse jogo de subjetividades que encobrem a mulher, serve como uma espécie de estratégia com o intuito de fazer vir à tona conflitos entre a espécie feminina e a masculina, fazendo com que esta se enfraqueça, na sua força de união, que é tão aguçada mas precisa ser exercitada.

Não devemos estar neste embate cotidiano e silencioso por poder ou mesmo para querer ocupar o lugar construído como o sendo o do masculino, ou mesmo para dar satisfação a nossa sociedade no sentido de dizer que também somos capazes, apenas devemos lutar, acima de qualquer coisa pela nossa divindade de existir de forma plena, livre e verdadeira. Pelo nosso poder feminino que nos foi quase que violentamente subtraído de formas tão cruéis, impondo-nos outras tantas características as quais não nos pertenciam.

É por tudo isso que historicizar a imagem da mulher como sendo inferior, sustentado pela doçura de sua feminilidade é, ao mesmo instante, legitimar que o homem é que representa a força, a garra, a independência, a superioridade, “moldado pela força de seu falo”, segundo Durval Muniz de Albuquerque Júnior. E é, também, por esse tipo de raciocínio (e enquanto ele perdurar na mente de nossas mulheres e homens brasileiros) que temos uma sociedade tão machista e preconceituosa, pois ao passo que exalta, atribui características a um ser infere, precocemente, 'qualidades' e problemas que nem mesmo os 'outros' sabiam que tinham, ou mesmo, que não tinham.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BIRMAN, Joel. Subjetividade, Contemporaneidade e Educação. In: Cultura, Linguagem e Subjetividade no Ensinar e Aprender. P. 11-27.

GALLI FONSECA, Tania Maria. Introdução. In: Gênero, Subjetividade e Trabalho. Petrópolis, RJ, Vozes, 2000. P. 09-25.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A Feminização da Sociedade. In: Nordeste: Uma Invenção do Falo. Uma História do Gênero Masculino (Nordeste – 1920-1940). Maceió. Edições Catavento, 2003. P. 31-147.

LIMA, Nádia Regina Loureiro de Barros. Mulher Em Questão. Maceió, 1987, 70p.

MASSI, Marina. Vida de Mulheres: Cotidiano e Imaginário. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

MURARO, Rose Marie. A Mulher no Terceiro Milênio: Uma História da Mulher Através dos Tempos e suas Perspectivas para o Futuro. Rio de Janeiro, 4ª Edição. Record. Rosa os Tempos, 1985, P.191-199.

PRIORE, Mary Del. História das Mulheres: *As Vozes Do Silêncio*. In: Historiografia Brasileira em Perspectiva. São Paulo, Contexto, 1998. P.217-235.

RAGO, Margareth. *A Colonização Da Mulher*. In: Do Cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade Disciplinar (Brasil 1890-1930). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985, P. 61-95.

_____. Feminizar É Preciso; Por Uma Cultura Filógena. Labrys, Estudos Feministas, Número 1-2, Julho-Dezembro De 2002.

RODRIGUES, Cinária de Sousa. Sujeitos e Subjetividades: Uma Análise sobre a atualidade. Artigo Produzido na disciplina de TEH (Tópicos) Complementação Da Prática. Fevereiro De 2004.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres e Relações de Gênero: Algumas Reflexões. as Contribuições Recíprocas decorrentes da Explosão do Feminismo e das Transformações na Historiografia, a partir da década de 1960, Foram Fundamentais Na Emergência Da História Das Mulheres. Artigo De 05/03/2002.

MAYREDER, Rosa. Crítica a Feminilidade. Ensaio de 1905.

QUESTIONÁRIO:

DADOS:

1. QUAL SUA IDADE? 56 anos ^{hoje 50'}
2. VOCÊ TEM FILHOS? 03 filhos, 02.
3. QUAL SEU NÍVEL DE ESCOLARIDADE? Primeiro grau incompleto.
4. QUAL SEU ESTADO CIVIL? casada.
5. QUAL SUA PROFISSÃO? agricultora, dona de casa.

QUESTÕES?

- QUAL SEU LUGAR DE MULHER NA SOCIEDADE EM QUE VIVE?
Trabalhadora, mãe, dona de casa;
- ESSE LUGAR QUE VOCÊ OCUPA NA SOCIEDADE É UMA ESCOLHA SUA OU UMA IMPOSIÇÃO?
Uma escolha. Pois é bom, trabalhar e importante porque precisa-se de arrumar o q comer para sustentar a família ..
- QUAL O MODELO DE CONDUTA QUE VOCÊ FOI EDUCADA PARA SEGUIR? QUAL O LUGAR QUE DEVERIA OCUPAR, ENQUANTO MULHER, SEGUNDO SEUS PAIS?
segundo a mãe, deveria ser uma pessoa q o que viveu na casa dos outros deixava, saber cada, saber sair, saber respeitar, tudo ensinar, o diálogo, sempre mostrando o caminho certo.
- O QUE SUA GERAÇÃO PENSA SOBRE O LUGAR QUE A MULHER OCUPA NA SOCIEDADE?
Hoje a mulher pode ser independente, trabalhando e possuindo seu dinheiro para não precisar depender do esposo.

DOMÉSTICA:

- VOCÊ, ENQUANTO DOMÉSTICA, SE AUTODISCRIMINA? ISTO É, TEM PRECONCEITO POR SER DOMÉSTICA? E OS OUTROS MOSTRAM PRECONCEITO PARA COM VOCÊ? E SEU MARIDO O QUE PENSA A RESPEITO?

Não. Não. Não. O marido não valoriza, em saber q a esposa trabalha e case, no sítio e cumpre as suas obrigações.

➤ QUAL O MODELO IDEAL DE MULHER?

Têm quase roupa adequada, e comportam
como uma senhorinha de bem.

➤ QUAIS OS LUGARES ADEQUADOS E INADEQUADOS A ELAS?

Δ - se comportam bem ^{aficadas} na idade que têm; lugar
de respeito, independente financeiramente, de-
pois de toda a educação.

I - lugar de boazinha; de desrespeito ^{dentro} a mulher
e relação com marido; de mulher que não
se respeita, não se dá o valor.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: ELABORAÇÃO DE MONOGRAFIA
ORIENTADORA: SILÊDE LEILA
ORIENTANDA: CINÁRIA DE SOUSA RODRIGUES

QUESTIONÁRIO:

DADOS:

1. QUAL SUA IDADE? 38
2. VOCÊ TEM FILHOS? Sim, dois.
3. QUAL SEU NÍVEL DE ESCOLARIDADE? Até a 4ª série.
4. QUAL SEU ESTADO CIVIL? Casada.
5. QUAL SUA PROFISSÃO? Auxiliar de limpeza e doméstica.

QUESTÕES?

- QUAL SEU LUGAR DE MULHER NA SOCIEDADE EM QUE VIVE?
Doméstica, tome conta da casa, da filhos, do marido, trabalha 08 horas diárias.
- ESSE LUGAR QUE VOCÊ OCUPA NA SOCIEDADE É UMA ESCOLHA SUA OU UMA IMPOSIÇÃO? Foi uma escolha, porque gostei. Ache importante cuidar dos afazeres domésticos, da família como também trabalhar para ajudar na despesas.
- QUAL O MODELO DE CONDUTA QUE VOCÊ FOI EDUCADA PARA SEGUIR? QUAL O LUGAR QUE DEVERIA OCUPAR, ENQUANTO MULHER, SEGUNDO SEUS PAIS? Respeita as pessoas, religião - tem a religião católica, respeite os + velhos, respeite-os. Não teve nenhuma orientação sexual, os pais não permitiam falar sobre o assunto.
- O QUE SUA GERAÇÃO PENSA SOBRE O LUGAR QUE A MULHER OCUPA NA SOCIEDADE? ^{pensam as} as mulheres ^{de hoje} de hoje muito diferente da de antigamente, no sentido de vestir, namorar, casamento é diferente pois antes era + sério, hoje não.

DOMÉSTICA:

- VOCÊ, ENQUANTO DOMÉSTICA, SE AUTODISCRIMINA? ISTO É, TEM PRECONCEITO POR SER DOMÉSTICA? E OS OUTROS MOSTRAM PRECONCEITO PARA COM VOCÊ? E SEU MARIDO O QUE PENSA A RESPEITO?
Não. Não. Até hoje não. Nunca se impôs em nada. Gosta do q faz. Escolheu a coisa certa. Cuida do marido, ele sempre a elogia por pelo q faz, ainda da casa, trabalha, cuida da filhos. Uma parte da sociedade ainda vê a doméstica com preconceito, porque ela permite q as pessoas a veem como acomodada, pois, segundo a cultura toda, pode ser doméstica e também trabalhar como faz.

Qual o modelo ideal de mulher?
Simplez, humilde, educada.

Quo, e. licopis, adequats e inadequats a elas?

Adequats: tem q ser sincera p/c/ela e c/
os filhos, marido, familia.

Inadequats: nã mã dar respeito, nã se
da ao respeito qmã te os outros; nã

QUESTIONÁRIO:

DADOS:

1. QUAL SUA IDADE? 37 anos
2. VOCÊ TEM FILHOS? 02 -
3. QUAL SEU NÍVEL DE ESCOLARIDADE? 7ª série incompleta
4. QUAL SEU ESTADO CIVIL? Casada.
5. QUAL SUA PROFISSÃO? Aquecedora e doméstica.

QUESTÕES?

- QUAL SEU LUGAR DE MULHER NA SOCIEDADE EM QUE VIVE?

Dona de casa, mãe, laborista.

- ESSE LUGAR QUE VOCÊ OCUPA NA SOCIEDADE É UMA ESCOLHA SUA OU UMA IMPOSIÇÃO?

Uma escolha. Pois sempre quis tudo que lhe aconteceu.

- QUAL O MODELO DE CONDUTA QUE VOCÊ FOI EDUCADA PARA SEGUIR? QUAL O LUGAR QUE DEVERIA OCUPAR, ENQUANTO MULHER, SEGUNDO SEUS PAIS?

Respeitar as pessoas, ser uma filha exemplar, sempre obedecê-lo. Nós teve muita orientação, pois a mãe vivia deente e o pai bêbado, teve que apelar da mãe de casa, sempre.

- O QUE SUA GERAÇÃO PENSA SOBRE O LUGAR QUE A MULHER OCUPA NA SOCIEDADE?

A mulher hoje, não tá muito dependente, principalmente os q gostam de trabalhar. E os dependentes pois não tem trabalho. Nós da certa viver dependente de homem, pai etc.

DOMÉSTICA:

- VOCÊ, ENQUANTO DOMÉSTICA, SE AUTODISCRIMINA? ISTO É, TEM PRECONCEITO POR SER DOMÉSTICA? E OS OUTROS MOSTRAM PRECONCEITO PARA COM VOCÊ? E SEU MARIDO O QUE PENSA A RESPEITO?

Não. Não, tem aquele. Os outros não tem preconceito. O marido não opina. Antes não queria q trabalhasse, hoje não se importa.

> QUAL O MODELO IDEAL DE MULHER?

Pessoa exemplar; tem q respeitar p seu respeito q. Tem q ser mãe, esposa, tem q saber su um pouco de tudo.

> QUAIS OS LUGARES ADEQUADOS E INADEQUADOS A ELAS?

A -> tem q ser trabalhadora, independente, loupa de si.

I -> de mulher sem estilo, insignificante de mau caráter, o lugar de mulher que não sabe se trabalhar.

QUESTIONÁRIO: ENTREVISTA

DADOS:

1. QUAL SUA IDADE? 30 anos
2. VOCÊ TEM FILHOS? Sim, dois. Um menino e uma menina.
3. QUAL SEU NÍVEL DE ESCOLARIDADE? 7ª série, com fazia supletivo.
4. QUAL SEU ESTADO CIVIL? Solteira
5. QUAL SUA PROFISSÃO? Auxiliar de serviços domésticos

QUESTÕES?

- > QUAL SEU LUGAR DE MULHER NA SOCIEDADE EM QUE VIVE?
Sente-se uma pessoa um pouco extrovertida, inteligente, fácil, simples. Não se acha ruim, no sentido de fazer algumas coisas erradas. Tem q se consertar, conversar, etc.
- > ESSE LUGAR QUE VOCÊ OCUPA NA SOCIEDADE É UMA ESCOLHA SUA OU UMA IMPOSIÇÃO? Uma escolha, porque é o q é pq não teve coragem de estudar. O relacionamento com os filhos foi prejudicado, não pensou. Não se arrepende de ser o q é, de filha, não tem o q reclamar da vida. Foi dada o destino q Deus reservou p/ ela.
- > QUAL O MODELO DE CONDUTA QUE VOCÊ FOI EDUCADA PARA SEGUIR? QUAL O LUGAR QUE DEVERIA OCUPAR, ENQUANTO MULHER, SEGUNDO SEUS PAIS? Foi criada rigidamente. Por ser a caçula, levando em consideração a criação e as "tonessuras" das outras irmãs, foi muito preta. Tinha obrigações quanto a vestimenta, amigas, mas sempre oprimida. Não teve orientação sexual, aprendeu a trabalhar, por isso é doméstica.
- > O QUE SUA GERAÇÃO PENSA SOBRE O LUGAR QUE A MULHER OCUPA NA SOCIEDADE? Não pensa. Imagina ao ver uma mulher ocupando um alto cargo, pois além de não saber de nada, ser frágil. Não tem força, nem poder p/ agir as coisas. Não tem preconceito p/ as outras mulheres, gostaria de ser uma delas.

DOMÉSTICA:

- VOCÊ, ENQUANTO DOMÉSTICA, SE AUTODISCRIMINA? ISTO É, TEM PRECONCEITO POR SER DOMÉSTICA? E OS OUTROS MOSTRAM PRECONCEITO PARA COM VOCÊ? E SEU MARIDO O QUE PENSA A RESPEITO?
Não, é um serviço simples, não tem vergonha. De maneira alguma, gosta de limpar. As pessoas não a veem como preconceito, se mostram diferente. Não tem marido, vive com uma pessoa, ele gosta muito dela trabalhar, de cuidar de casa, acredita q caso não trabalhasse não sabe como seria, acha q se não fizesse viveria sempre cuidando de casa, e nada p/ fazer e dependendo sempre dele.

Qual o modelo ^{ideal} de mulher?
- Elegante, elegante, bem vestida.
- Boa amante, sabe
se expressar.

- Quais os lugares adequados e inadequados
a elas?
Adequados: trabalhar, estudar, fazer curso, se
podem ou não, ser formada, independente.
Inadequados: Não frequentar bares, lugares de
baixo nível, etc.

DOMESTICA

• VOCE E O SEU PAIS
• PRECONCEITOS
• PRECONCEITOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: ELABORAÇÃO DE MONOGRAFIA
ORIENTADORA: SILÊDE LEILA
ORIENTANDA: CINÁRIA DE SOUSA RODRIGUES

QUESTIONÁRIO:

DADOS:

1. QUAL SUA IDADE? 43 anos
2. VOCÊ TEM FILHOS? 01 menino.
3. QUAL SEU NÍVEL DE ESCOLARIDADE? Letudou até a 6ª série.
4. QUAL SEU ESTADO CIVIL? Casada.
5. QUAL SUA PROFISSÃO? Comerciante e doméstica.

QUESTÕES?

> QUAL SEU LUGAR DE MULHER NA SOCIEDADE EM QUE VIVE?

Uma pessoa educada, q sabe compreender as pessoas, q fez amizades, sabe lidar com as coisas de todos os lados e idêntico, dentro de seu comércio e casa.

> ESSE LUGAR QUE VOCÊ OCUPA NA SOCIEDADE É UMA ESCOLHA SUA OU UMA IMPOSIÇÃO? Foi uma imposição. Pois não teve oportunidades p/ ser outras coisas, para sobreviver de outras maneiras. se não por escolha teria feito a feitura, teria estudado mais.

> QUAL O MÓDELO DE CONDUTA QUE VOCÊ FOI EDUCADA PARA SEGUIR? QUAL O LUGAR QUE DEVERIA OCUPAR, ENQUANTO MULHER, SEGUNDO SEUS PAIS?

Mulher educada, respeitadora e trabalhadora. Respeitadora, sabendo entrar e sair e ter moral para si e para os outros.

> O QUE SUA GERAÇÃO PENSA SOBRE O LUGAR QUE A MULHER OCUPA NA SOCIEDADE?

Hoje, a mulher é decidida, sabe o que quer e o que vai fazer. Não dá certo ser dependente de homens a uma altura.

DOMÉSTICA:

▪ VOCÊ, ENQUANTO DOMÉSTICA, SE AUTODISCRIMINA? ISTO É, TEM PRECONCEITO POR SER DOMÉSTICA? E OS OUTROS MOSTRAM PRECONCEITO PARA COM VOCÊ? E SEU MARIDO O QUE PENSA A RESPEITO?

Não. Não, pois é decidida e não ver problema em ser dona de lar. Os outros não a vêem com preconceito por ser doméstica. O marido apoia, valoriza o trabalho pois como diz o ditado uma mão lava a outra. Vivemos num mundo moderno, onde precisamos ajudar um ao outro para viver.

> QUAL O MODELO IDEAL DE MULHER?

Mulher de respeito, decidida, que sabe o que quer da vida. Independente, pois precisa-se saber o que quer, e até lá, se pode chegar. De dar o tempo de deus de de outos, tem geriar suas próprias aspirações

> QUAIS OS LUGARES ADEQUADOS E INADEQUADOS A ELAS?

Δ -> Lugar de trabalhadora, respeitada, lugar de honestidade, lugar de sinceridade, verdade, etc.

I -> Lugar de desrespeito, lugar de mulher desonestas, preguiçosa, não sabe se comportar, lugar de mulher falsa.

DOMESTICA
VOCE
PRECOMUNICA
TEM

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: ELABORAÇÃO DE MONOGRAFIA
ORIENTADORA: SILÊDE LEILA
ORIENTANDA: CINÁRIA DE SOUSA RODRIGUES

QUESTIONÁRIO:

DADOS:

1. QUAL SUA IDADE? 42
2. VOCÊ TEM FILHOS? não.
3. QUAL SEU NÍVEL DE ESCOLARIDADE? Superior incompleto
4. QUAL SEU ESTADO CIVIL? Solteira.
5. QUAL SUA PROFISSÃO? Professora.

QUESTÕES?

- > QUAL SEU LUGAR DE MULHER NA SOCIEDADE EM QUE VIVE?
Professora, líder, dona de casa, determinada, responsável, solidária.
- > ESSE LUGAR QUE VOCÊ OCUPA NA SOCIEDADE É UMA ESCOLHA SUA OU UMA IMPOSIÇÃO?
Escolha, pois se sente útil ao se inserir e trabalhar voluntária, auxiliando as comunidades no que elas têm condições de receber.
- > QUAL O MODELO DE CONDUTA QUE VOCÊ FOI EDUCADA PARA SEGUIR? QUAL O LUGAR QUE DEVERIA OCUPAR, ENQUANTO MULHER, SEGUNDO SEUS PAIS?
Modelo rígido de educação. Pais não conversavam pl. ouvir. Desejo ser uma mulher, paciente, não brigar pelo q queria, ajudar q q. de cima, no entanto fez todo o contrário.
- > O QUE SUA GERAÇÃO PENSA SOBRE O LUGAR QUE A MULHER OCUPA NA SOCIEDADE?
Pensa q a mulher deve lutar por seus direitos e ocupar o seu lugar na sociedade.

UNIVERSITÁRIA:

- ATÉ QUE PONTO, A UNIVERSIDADE CONTRIBUI PARA ROMPER OS PRECONCEITOS QUE A SOCIEDADE CONSTRUIU PARA A MULHER?
Pl a universidade, não contribuiu muito, pois chegou lá a mente preparada, pois sempre incluiu-se em trabalhos q a ajudava a ver realidade a vida.

➤ QUAL O MODELO IDEAL DE MULHER?

ser q estudar, a forma, trabalha p si e deixar de te financiar de, busca ser o melha, bus cada e me ser a melha, se espatarel, capa de fato e de direito seu lugar e sociedade.

➤ QUAIS OS LUGARES ADEQUADOS E INADEQUADOS A ELAS?

A - repetidora, analf, usporarel, questio nedos, n aceita, irporarel, ifa modo de q acontece no mundo;

I - se inconveniente, irporarel, imitadora, submissa, aceitar tudo si questio ma, comodismo,.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: ELABORAÇÃO DE MONOGRAFIA
ORIENTADORA: SILÉDE LEILA
ORIENTANDA: CINÁRIA DE SOUSA RODRIGUES

QUESTIONÁRIO:

DADOS:

1. QUAL SUA IDADE? 43
2. VOCÊ TEM FILHOS? 01
3. QUAL SEU NÍVEL DE ESCOLARIDADE? Superior incompleto I
4. QUAL SEU ESTADO CIVIL? Casada
5. QUAL SUA PROFISSÃO? Professora.

QUESTÕES?

- QUAL SEU LUGAR DE MULHER NA SOCIEDADE EM QUE VIVE?
Professora, mãe, esposa e profissional, acredito ser explorada devido ao tanto de trabalho, por trabalhar em casa e fora.
- ESSE LUGAR QUE VOCÊ OCUPA NA SOCIEDADE É UMA ESCOLHA SUA OU UMA IMPOSIÇÃO?
Imposição por parte. Foi se pudesse, se decidene um salário condigno só trabalharia um expediente.
- QUAL O MODELO DE CONDUTA QUE VOCÊ FOI EDUCADA PARA SEGUIR? QUAL O LUGAR QUE DEVERIA OCUPAR, ENQUANTO MULHER, SEGUNDO SEUS PAIS?
Conduta dialoga. Segundo os pais procurava nos ser pontual, principalmente diante da autoridade masculina. Mas foi, ou seja, sexualmente, na pré-adolescência um pouco: parecesse iguais aos homens.
- O QUE SUA GERAÇÃO PENSA SOBRE O LUGAR QUE A MULHER OCUPA NA SOCIEDADE?
Hoje, não vê a mulher presa. Está + livre e há 20 anos, + independente + solta de certos regimes como a perda da virgindade só após o casamento.

UNIVERSITÁRIA:

- ATÉ QUE PONTO, A UNIVERSIDADE CONTRIBUI PARA ROMPER OS PRECONCEITOS QUE A SOCIEDADE CONSTRUIU PARA A MULHER?
Por ter entrado na UF Campina Grande, ela não fez tanta diferença quanto a esse preconceito, foi entrar aqui da colega filha

> QUAL O MODELO IDEAL DE MULHER?

El trabalhe, q coniga sua independência financeira
clino, q busq um companheiro q a respeite.
q a veja como mulher mas também colabore p/ q
ela possa crescer intelectualmente.

> QUAIS OS LUGARES ADEQUADOS E INADEQUADOS A ELAS?

A - educação tanto esda q^o familiar, respeito
bilidade d todas as pessoas e todos os meios.

I - submissão,

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: ELABORAÇÃO DE MONOGRAFIA
ORIENTADORA: SILÊDE LEILA
ORIENTANDA: CINÁRIA DE SOUSA RODRIGUES

QUESTIONÁRIO: INTERVIEWS

DADOS:

1. QUAL SUA IDADE? 23 anos
2. VOCÊ TEM FILHOS? Não
3. QUAL SEU NÍVEL DE ESCOLARIDADE? Superior incompleto
4. QUAL SEU ESTADO CIVIL? Solteira
5. QUAL SUA PROFISSÃO? Estudante

QUESTÕES?

- > QUAL SEU LUGAR DE MULHER NA SOCIEDADE EM QUE VIVE?
Mulher respeitada na sociedade. Indiferente; @ relação ao profissionalismo é uma questão de buns; respon-
sável.
- > ESSE LUGAR QUE VOCÊ OCUPA NA SOCIEDADE É UMA ESCOLHA SUA OU UMA IMPOSIÇÃO?
É uma imposição, devido ao fato de a cidade ser pequena, as
pessoas tem uma mente muito estereotipada, arcaica.
- > QUAL O MODELO DE CONDUTA QUE VOCÊ FOI EDUCADA PARA SEGUIR?
QUAL O LUGAR QUE DEVERIA OCUPAR, ENQUANTO MULHER, SEGUNDO SEUS
PAIS? Educação rígida, respeitosa + velhos; melhor as demais,
vale a pena os estudos, ir a missa, etc.
• Ser comportada, saber se impor; saber onde vai o limite seu p/
de outros, e vice-versa; saber respeitar o direito alheio; sexualidade é
algo sério; tem que ser responsável e não mentir nada.
- > O QUE SUA GERAÇÃO PENSA SOBRE O LUGAR QUE A MULHER OCUPA NA
SOCIEDADE? Mulher tem um lugar que é normal na sociedade,
ambos deve ser conquistado a cada dia que for. Não precisa ser inteligente, dinâmica,
e sensual (profissionalismo, amorosa, sentimental).

UNIVERSITÁRIA:

- ATÉ QUE PONTO, A UNIVERSIDADE CONTRIBUI PARA ROMPER OS
PRECONCEITOS QUE A SOCIEDADE CONSTRUIU PARA A MULHER? Antes, não
permitted sua presença. A universidade abriu as portas em
todos os sentidos p/ a mulher. Foi oportunidade p/ romper a
opinião de a mulher ser incapaz de exercer algum papel
profissional na sociedade.

- Qual o modelo ideal de mulher?
gestora, trabalhadora, responsável,
cuidadora e educadora;

- Quais os tipos de adequação e inadequa-
ção a elas?

- Adequadas: Responsáveis, autônomas, educadas,
simples, e compatíveis.

- Inadequadas: falta de autonomia, falta de
educação, falta de respeito p/ si e p/ os
outros.

UNIVERSIDADE

ATE OUA...
PRECONCEITOS...
...
...
...

QUESTIONÁRIO:

DADOS:

1. QUAL SUA IDADE? 45 anos
2. VOCÊ TEM FILHOS? 02. Um c/ 22 (homem) 13 (menina)
3. QUAL SEU NÍVEL DE ESCOLARIDADE? Superior incompleto
4. QUAL SEU ESTADO CIVIL? Casada
5. QUAL SUA PROFISSÃO? Professora.

QUESTÕES?

- > QUAL SEU LUGAR DE MULHER NA SOCIEDADE EM QUE VIVE?
Mulher atuante, trabalhadora, forte, não tem desfecho para coisa, reconhece os erros, tem um lado humano bastante desenvolvido. É mãe, esposa, dona de casa, amante, professora, amiga, confidente.
- > ESSÉ LUGAR QUE VOCÊ OCUPA NA SOCIEDADE É UMA ESCOLHA SUA OU UMA IMPOSIÇÃO? A maioria é como uma escolha, como mãe, esposa, professora mas por falta de espaço, oportunidade, mas gostaria. Se pudesse escolher ou ter escolhido trabalharia na saúde ou na área social.
- > QUAL O MODELO DE CONDUTA QUE VOCÊ FOI EDUCADA PARA SEGUIR? QUAL O LUGAR QUE DEVERIA OCUPAR, ENQUANTO MULHER, SEGUNDO SEUS PAIS? Modelo de conduta tradicional. A mãe era inflexível. Te p/ os lugares si nenhum problema da motivação e auto-credito. Não. Segundo os pais orientava no sentido de se tiver um namorado q assumir tudo. Teve q ser superconsciente. Relação a personalidade de ser íntegro, respeitada, honesta, fãcia.
- > O QUE SUA GERAÇÃO PENSA SOBRE O LUGAR QUE A MULHER OCUPA NA SOCIEDADE? Na teoria, a mulher quer ter muita independência, mas na prática, a hoje em pleno século XXI, a mulher discrimina a própria mulher, ainda há muito preconceito da mulher para a mulher. Ex. Se homem trai, alguns dizem outro o consideram a mulher é taxada de prostituta, de vulgar.

UNIVERSITÁRIA:

- ATÉ QUE PONTO, A UNIVERSIDADE CONTRIBUI PARA ROMPER OS PRECONCEITOS QUE A SOCIEDADE CONSTRUIU PARA A MULHER?

Respeita a importância da mulher. Contribuiu para a discussão e análise do papel da mulher, por q a mulher é taxada de raiz do lar? Ela é so dona de casa? A mulher não q em casa o seu papel pode exercer outras funções. A Universidade abre a cabeça da mulher p/ os novos papéis que ela pode exercer frente aquilo que sempre lhe foi inculcido.

principalmente no curso de História.

> Qual o modelo ideal de mulher?
Sua q existem modelos ideais? Na verdade, cada mulher tem características diferentes, de acordo com a realidade que vive.

> Quais os lugares adequados e inadequados a elas?

Δ - lugares de profissão, mas q concord. por acreditar q pode exercer diversos funções; lugar de mulher bem sucedida, independente, e não se seja bem visto pela sociedade; ex: pelo p/a, integridade de boa moral; autêntica. Trabalhar, estudar e viver; lugar de poder escolher onde ir e onde chegar.

I - Apesar de enumerar todos os lugares ^{acima} como adequados, não condena quem fez diferente. Acredita que tem q ter um lugar que goste, que queira e se sente bem, e depois de ter a opinião alheia.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: ELABORAÇÃO DE MONOGRAFIA
ORIENTADORA: SILÉDE LEILA
ORIENTANDA: CINÁRIA DE SOUSA RODRIGUES

QUESTIONÁRIO: ENTREVISTA

DADOS:

1. QUAL SUA IDADE? 48 anos
2. VOCÊ TEM FILHOS? Sim, três
3. QUAL SEU NÍVEL DE ESCOLARIDADE? Superior Incompleto
4. QUAL SEU ESTADO CIVIL? Casada
5. QUAL SUA PROFISSÃO? Professora

QUESTÕES?

► QUAL SEU LUGAR DE MULHER NA SOCIEDADE EM QUE VIVE?

Bem conceituada, dinâmica, respeitada, inteligente.
Por lei a idade q tem e desobediente, insubordinada. No lar
não tem esse respeito e trata como criança, uma
criança, por ser alto influenciável, indefesa, por parte do marido
e burocracia.

► ESSE LUGAR QUE VOCÊ OCUPA NA SOCIEDADE É UMA ESCOLHA SUA OU UMA IMPOSIÇÃO?

É uma escolha. Por tudo q quis fazer tem
seu próprio, mãe, autoridade, dono de casa tudo foi escolhido
mesmo, não sofreu influência. Tudo foi escolhido, do espaço,
hoje não muda fácil, sempre tem dificuldade, por isso da
valor.

► QUAL O MODELO DE CONDUTA QUE VOCÊ FOI EDUCADA PARA SEGUIR?

QUAL O LUGAR QUE DEVERIA OCUPAR, ENQUANTO MULHER, SEGUNDO SEUS PAIS?

Pl seu dono de casa, mãe de família, submissa, do lar
zelo como mulher, inferior mesmo ao homem. Dentro do
círculo familiar deveria ser respeitável. Pl o pai se devia
estudar até o ensino 1º mais q 4º ano. A princípio seu lugar
deveria ser o de dona de casa depois mudar e ajudar. Pl a sexualidade
deveria ser tratada com todo o respeito. De não fazer um monte.

► O QUE SUA GERAÇÃO PENSA SOBRE O LUGAR QUE A MULHER OCUPA NA SOCIEDADE?

Hoje mudou o lugar do profissional da mulher.
A própria mulher sabe q pode t. Perdeu o medo. Descobriu-se
enquanto opõe, sujeita de sua história, tomou a independência fi-
nancieira, se valoriza (+) e valorizada. Hoje, ainda há prece-
dito d relação a mulher + dinâmica, mas constitui a minúscula.

UNIVERSITÁRIA:

▪ ATÉ QUE PONTO, A UNIVERSIDADE CONTRIBUI PARA ROMPER OS PRECONCEITOS QUE A SOCIEDADE CONSTRUIU PARA A MULHER?

Contribuiu no sentido de despertar os seus direitos; contri-
buiu no sentido de fazer se mulher se impor, lutar por
seus direitos, ajuda a se mais respeitada pelo marido e
pela sociedade; levantou sua autoestima no sentido de
ser t q dona de casa, mãe, mulher, submissa. Contribuiu pl q
tenha + liberdade de ir e vir, de falar, de expressar seus
desejos.

aimagem
de sexualidade
e muito
desrespeitada
homens
motivos

- Qual o modelo ideal de mulher?

Independente em todos os aspectos,
confiante no que faz, no trabalho, no que
diz; no q pensa, sem, ao mesmo tempo,
se dominada (isto é, quer assumir
a posição que antes pertencia aos homens
(de pressão).

→ Quais o lugar, Adequado e Inadequado
a mulher?

Adequado: lugar de mulher segura de si,
" " " " recatada, porém,
mas se submetendo a dominação
masculina; lugar de honesta em
suas ações e de ela e no q faz, na
sociedade em q vive e segundo sua
posição social.

Inadequado: lugar de vulgareidade, levian-
dade no confundi liberdade e
libertinagem, ao chamar a atenção
querer aparecer - destacar-se dos
demais; lugar de inconveniente
no âmbito social (bares, restau-
rantes, locais públicos: praças por
exemplo).